SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVI

SETEMBRO E OUTUBRO DE 1970

N.os 305/306

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

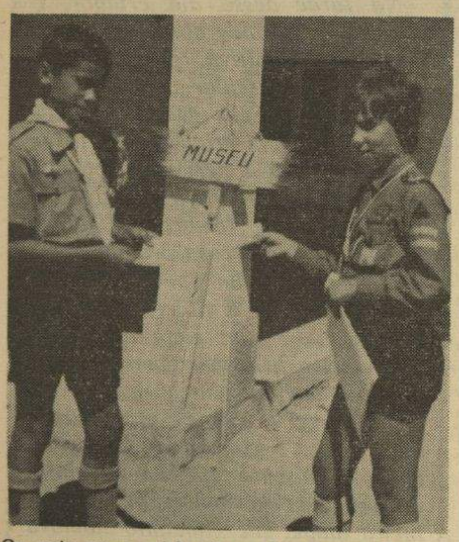
XIACNAC!

O QUE FOI O XI ACAMPAMENTO NACIONAL

A presença do «Sempre Pronto» no XIACNAC

É já tradicional a presença do nosso Jornal nos acampamentos escotistas de maior vulto, acompanhando de perto toda a actividade e procurando relatá-la com fiel interesse para aqueles a quem não foi possível estar presentes.

Desta vez, porém, fomos bastante mais longe e, além da nossa habitual exposição de livros e jornais da imprensa escoteira, transformamo-nos no próprio jornal do campo, editado diàriamente no acampamento, onde despertou um excepcional interesse por parte dos escoteiros e dirigentes.



Os mais novos colaboradores de «Sempre Pronto» o Toni e o Belmiro. Os lobitos do grupo 17 António Teixeira e Belmiro Ferreira foram os dois «ardinas» que levaram o «Sempre Pronto — edição Xiacnac» — aos quatro cantos do acampamento. Foram dois lobitos que se mostraram elementos de muito valor. «O melhor possível» é uma divisa que lhes não é estranha. Obrigado Toni e Belmiro!

«Sempre Pronto — edição Xiacnac» não foi um trabalho perfeito. Teve na realidade muitos defeitos e não passou de um jornalzinho para os rapazes, preparado a correr, composto ao duplicador numa velha máquina dos Serviços Centrais e com deficiente preparação do texto. Mas ele foi ao encontro de um desejo expresso de muitos escoteiros,

Continua na pág. 9

O XIACNAC DIA A DIA

Reportagem de Armando Inácio e «Gamo Ligeiro»

A realização de um acampamento nacional é sempre algo que excita a fibra escotista de todos os que militam nesta franca escola do ar livre, tão genialmente concebida e realizada por B.-P.

Mais uma vez, exactamente a décima primeira, os Escoteiros de Portugal se reuniram para confraternizar e viver momentos de agradável camaradagem.

«*Sempre Pronto*», atento a todas as manifestações de autêntico carácter escoteiro, não podia deixar de apresentar-se e, assim, esteve no acampamento, com os membros do seu corpo redactorial.

A «Toca dos Castores», a única casa de madeira do Parque de Escotismo da Caparica, foi durante oito dias a «redacção» do nosso jornal.

Conseguimos, através da publicação diária que levámos a efeito, — «*Sempre Pronto — edição Xiacnac*», — manter um contacto permanente com a rapaziada acampada.

Cerca de 250 escoteiros e chefes estiveram, nestes belos dias de Agosto, na mata do Campo-Escola da Caparica.

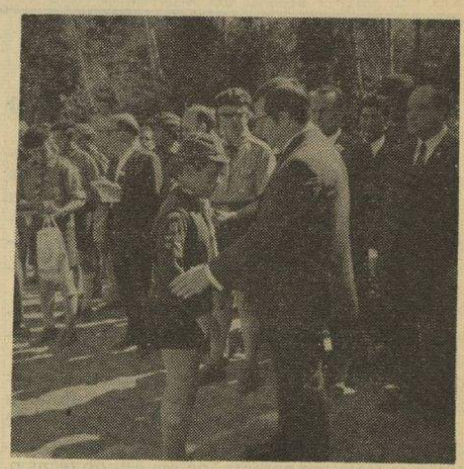
Do norte, do centro e do sul de Portugal continental e, ainda, de Angola e Moçambique, deputações de escoteiros começaram a afluir à Caparica, no dia 14 de Agosto, e logo os campos dos grupos despontaram sorridentes, aqui e além, com pórticos e decorações coloridos que ambientaram festivamente o Campo-Escola.

Amigos de vários anos voltaram a trocar abraços de velha amizade; os escoteiros novatos trataram também de captar a camaradagem com outros irmãos, a qual perdurará, certamente, pelas suas vidas.

A INAUGURAÇÃO

Com uma tarde de sol esplêndido, realizou-se no domingo, dia 15, a cerimónia de inauguração do acampamento com a presença de inúmeras entidades oficiais.

O nosso repórter juvenil, Joaquim de Oliveira, o «*Gamo Ligeiro*», escreveu então no jornal de campo:



O Xiacnac acabava de ser inaugurado. Antes das entidades oficiais percorrerem as diversas instalações do acampamento, há um momento em que todos os presentes se sentem presos de invulgar emoção: quando o Sr. Subsecretário da Juventude e Desportos entrega ao lobito Manuel de Sousa, do Grupo 8, a insígnia de «Lobito Alerta». É o terceiro lobito que, nos Escoteiros de Portugal, alcança esta honrosa classe

«Com início às 16 horas, procedeu-se, ontem, às diversas cerimónias de abertura do campo.

Presentes o subsecretário da Juventude e Desportos, o presidente da nossa Associação Almirante Henrique Tenreiro, o escoteiro chefe-geral,

Continua na pág. 6



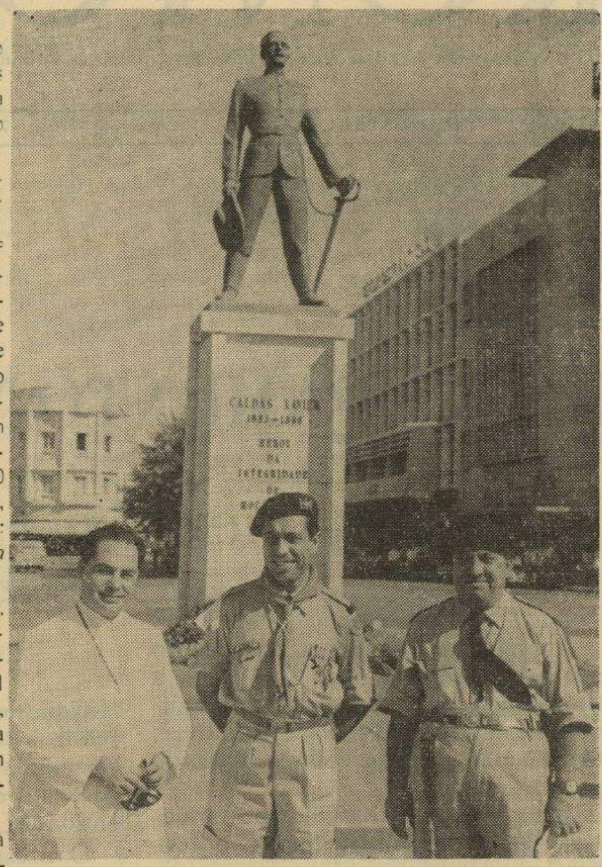
Faleceu Jorge Cordeiro

um dos primeiros escoteiros de Moçambique

Em 23 de Setembro passado faleceu na cidade da Beira o sr. Jorge Cordeiro, um dos mais antigos escoteiros de Portugal na província de Moçambique. Tendo ingressado no Movimento em 1913 na cidade de Lourenço Marques, permaneceu sempre fiel aos princípios escoteiros. Quando em 1960 de colaboração com os srs. Eng.º Jorge Pereira Jardim e Rev. Ferreira da Silva organizou o I Jambori da Saudade, actividade que congregou muitas dezenas de escoteiros residentes naquela região da Beira, desenvolveu uma actividade extraordinária para o bom êxito da iniciativa, tendo exclamado perante o espectáculo de 600 pessoas reunidas entre escoteiros, antigos escoteiros e familiares: *Há 20 anos que espero por esta ocasião!*

Tinha agora 72 anos de idade. A sua morte foi muita sentida naquela cidade. Os Escoteiros e Antigos Escoteiros reúnem no dia 11 de Outubro corrente, no Dondo, onde se realizou o Jambori da Saudade, para prestar homenagem ao pioneiro do Escotismo em Moçambique.

«Sempre Pronto» associa-se à homenagem ao companheiro falecido e apresenta sentidas condolências a sua família.



Da esquerda para a direita: Rev. Ferreira da Silva, Eng.º Jorge Pereira Jardim e Jorge Cordeiro, na cidade da Beira, por ocasião do Jambori da Saudade, em 23 de Abril de 1960.

A EXPOSIÇÃO

«O HOMEM E A MÁQUINA»

No palácio Foz, em Lisboa, esteve patente ao público de 18 a 22 de Setembro, uma interessante exposição fotográfica promovida por iniciativa da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Companhia IBM Portuguesa, num estudo de Henri Cartier-Bresson, artista fotográfico de renome mundial.

Estudo realizado por incumbência da IBM, apresenta instantâneos de bom nível artístico, colhidos em diferentes partes do mundo, fixando momentos da vida do Homem em que este se relaciona com a Máquina, desde a forma mais rudimentar — a simples roda — até às mais evoluídas manifestações da técnica. Não se trata, no entanto, de um estudo técnico. O que distinguia a exposição era exactamente o seu aspecto profundamente humano, oferecendo ao visitante oportunidade de meditar no tema «O Homem e a Máquina», sugerido por imagens em que o Homem é colocado em evidência. Trata-se, portanto, duma iniciativa da maior actualidade, que poderia ter servido de fundo a um colóquio sobre tema importante.

Esta Exposição foi reposta no Porto de 20 a 25 de Outubro corrente, com igual êxito.

Monsenhor Avelino Gonçalves

Este sacerdote, grande amigo dos escoteiros, fundador do Corpo Nacional de Escutas e antigo director da revista «Flor de Lis» e actual do importante diário «Novidades», sofreu um grave desastre em Espanha.

Fazemos votos de boas melhoras e de um breve regresso às suas funções.

XXVIII Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do Centenário da Cruz Vermelha Portuguesa

Das vestes da «Dama Branca»
A alma leal e franca
Dum conspícuo general
Forjou a branca bandeira
Onde a cruz cor da sangueira
É caridoso sinal.

Bandeira da Cruz Vermelha
Que salva, cura, aconselha:
Há cem anos tens o preito
Que decerto te é devido,
Bem ganho e bem merecido,
Num mundo às guerras afeito!

Eduardo Moreira

DE ENTRE VELHOS PAPÉIS

«Não te esqueças de mim»

(Lenda inglesa do Miosótis)

traduzida por um coração de Portugal

Quando Deus criou o mundo, esse poema admirável de equilíbrio e de harmonia, de cor e de luz, de sons e risos benditos, reservou uma das horas mais serenas para criar as flores. Das ondas volitivas do Seu pensamento geraram-se hásteas verdes, gomos leitosos, folículos veludosos, acúleos agressivos, pétalas setíneas, estames polvilhados de ouro, cálices repletos de mel, corolas espaventosas de cor...

Que sinfonia deliciosa e admirável, essa com que a rosa de Alexandria punha uma quente mancha de sensualidade, o cravo andaluz uma fresca nota de vida, a violeta humilde um gemido ténue de amor que se oculta, o girassol opulento uma afirmação leal de obediência e adoração!

Ficou o Poeta Eterno contente da Sua obra. A cada uma das flores criadas deu um nome que bem traduzisse, numa espécie de onomatopeia de alma, as emoções intraduzíveis daquelas pequeninas filhas de Deus. E cada uma tratou de guardar no seu perfumado coração o nome que de Deus recebera ao nascer.

Na tarde desse dia criador, o terceiro da grande obra, depois da assolação primitiva, passou Jeová na brisa crepuscular, de visita às florinhas que Seus dedos de luz e de amor haviam criado. Diante de cada uma parava, perguntando como se chamava. O cravo explanou o seu nome, que lembra um toque vivo de clarim, a rosa pronunciou o seu, que recorda um apelo vaidoso à atenção alheia, a violeta balbuciou o seu, que é um cicio de pudica meiguice, o lírio deu em seu nome a nota dum carinho que se revela e a açucena a nota de uma pureza que cativa... Mas diante duma florinha minúscula que em montões crescia à beira dum regato da primeira idade, que enquanto banhava com delícia os pés das suas raízes nas pérolas líquidas, fitava com seus olhos dum azul puríssimo a branda face do Criador, teve Este o espanto máximo da sua jornada. A florinha envergonhada balouçava-se trémula nos seus frágeis ombros de verde pálido e negava o seu nome, dizendo: «Senhor, de tal modo Te fitei enquanto Tu me ensinavas, tão belo Tu me surgias

Continua na pág. 4

Filatelia

por MENDES MARQUES

Num dos últimos números de «World Scouting», Herry D. Torsen, fundador da Sociedade Internacional de Selos Escotistas (SSSI), evoca o que foi o ano de 1969 quanto a emissões de selos do nosso tema.

Fazendo minhas as palavras do Sr. Thorsen, as emissões referidas surgem-nos com curiosas facetas, convindo anotar que, num só ano, nada de similar havia ocorrido desde o aparecimento dos primeiros selos escotistas no ano de 1918, na Checoslováquia.



Como a filatelia a tudo se presta, indivíduos há que, vivendo à margem dos assuntos que motivam o aparecimento dos selos mas não dos seus fins em tudo ligados à uma ganância insaciável, tudo aproveitam para prosperarem à custa do coleccionador, para quem os seus selos são uma fonte de prazer espiritual e de cultura. Assim, aparecem-nos selos sobre os mais variados temas em países onde nada do que comemora ou homenageia existe, ou lançando séries sobre séries numa autêntica especulação.

Ras Al Khaima, um dos célebres emiratos da Arábia, aproveitou a realização da exposição filatélica que o México levou a efeito por ocasião dos últimos Jogos Olímpicos, para lançar mais uma emissão de que, infelizmente, não se cansa, não obstante a proibição que sobre os seus selos pende. Para tanto, fez figurar nos 10 selos que a compõem, outras tantas reproduções de selos de outros países. O escotismo foi «homenageado» com uma reprodução imperfeita do belo selo grego de 1960 (escoteiro em saudação).

Outra novidade é a que resulta da comemoração do 4.º jambori filipino pelo facto de, pela primeira vez, se utilizar um selo dedicado ao guidismo, com sobrecarga e taxa condizentes. Curiosa, mas bastante bizarra, a forma dos selos da Serra Leoa comemorando o cinquentenário das bodas de diamante do escotismo. Talvez por isso, ou porque aquele país é produtor de diamantes, os 12 selos (?) apresentam as facetas daquelas pedras.

As Ilhas Cook, a Botswana e Barbuda, comemorando, respectivamente, o jambori que teve lugar na Nova Zelândia, a 22.ª Conferência Mundial e o 3.º Jambori das Caraíbas, apresentam os mais belos selos de 1969. Para mim, a eleger o mais belo, pela sua beleza estética e pelo significado — a Promessa escotista —, vou pelo de 25 cts. da Barbuda.

A Guiné deu-nos uma série de 6 selos com cenas variadas de actividades «escotistas», figurando em 5 a Flor de Lis. As margens do bloco atraem-nos com as suas múltiplas flores de lis. Mas o sexto tudo mata com a legenda «*Pionnier de Guinée*». Tratando-se de pioneiros qual a razão da nossa insígnia? E os 3 selos da Polónia? Bem sabemos que este país não está reconhecido pela Conferência Mundial e as suas organizações são controladas pelo governo comunista, mas a insígnia reproduzida é exactamente igual à do escotismo polaco do antes da guerra (ver foto). Uma consequência da «primavera de Praga» que possibilitou o aparecimento de algumas actividades escotistas?

Países que, em 1969, emitiram selos:

Arábia Saudita — 3 val.
Barbados — 4.
Barbuda — 3.
Cook — 6
Filipinas — 1.
Guiana — 5.
Guiné — 6 (pioneiros?)
Irão — 1.
Polónia — 3 .
Ras Al Khaima — 2 (proibidos).
Qatar — 6.
Serra Leoa — 12.
Suíça — 1.
Botswana — 3.

RUI CUNHA

Este nosso estimado amigo e dedicado colaborador e antigo escoteiro do Grupo 53 teve um acidente rodoviário há algumas semanas.

Embora sem consequências irremediáveis, com que o muito folgamos, o acidente originou forte traumatismo na esposa deste nosso amigo, de que felizmente está quase recuperada.

Fazemos votos de rápidas e completas melhoras.

O escoteiro (ou a guia) tem uma só palavra

Editorial do Boletim da «International Fellowship» de Junho de 1957, escrito pelo Coronel J. S. Wilson, agora falecido, onde se aprecia o alto espírito escoteiro do seu Autor.

O livro do Eclesiastes, escrito por «autor incerto», diz: «*Não critiques antes que tenhas examinado a verdade, compreende primeiro, admoesta depois. Não respondas antes de ter escutado os motivos, nem interrompas os homens nas suas conversações*».

Pôncio Pilatos pôs a aguda pergunta: «*Que é a verdade?*». Dois mil anos mais tarde, em menos trágicas mas mais mundiais circunstâncias, repetimos a mesma pergunta. Filósofos e metafísicos têm-na discutido desde os tempos mais recuados. Nós não podemos esperar senão uma resposta a considerar sob o ângulo da moral prática e assim chegamos ao primeiro artigo da Lei Escoteira ou Guia e ao fim, ou antes, à obrigação que temos de guardar vivo nas nossas próprias vidas, o espírito dessa Lei. Citamos a «história oficial» do Escotismo quando dizemos que sob o ponto de vista social a regra de que é preciso dizer a Verdade está baseada no simples facto de que a Sociedade não poderia existir se nós não pudéssemos estar seguros de que cada um diz a verdade. Os contratos — escritos ou verbais — seriam sem valor; ninguém poderia contar fosse com o que fosse. É terrível pensar que metade do mundo não reconhecesse este facto tão importante. Não menos terríveis são as afirmações diametralmente opostas que ouvimos continuamente tanto no plano político internacional como na política nacional e mesmo local. Para que lado se pode portanto voltar um homem ou uma mulher para obter a verdade? Neste mundo materialista, a pergunta parece ficar sem resposta. Mas aqueles que não estão completamente «vendidos» ao materialismo, aqueles que tendo as suas convicções religiosas sentem que a sua consciência é de origem espiritual ou divina e que por consequência mentir é um pecado e não um inteligente desvio dos factos, servindo suas próprias vantagens egoístas em negócio ou qualquer outra causa. Resumindo, dizer a verdade é a base de uma sociedade honesta e para muitos é uma obrigação de origem divina.

Cremos que na Fraternal Internacional se deve destacar o primeiro artigo da nossa Lei, colectivamente e individualmente, porque não há dúvida que nos tempos actuais o padrão da verdade tem baixado consideràvelmente por toda a parte. Isto não provém necessàriamente da aceitação duma moralidade inferior, mas é antes uma influência que trabalha invisìvelmente com o perigo existente de que não se desenvolva a tal ponto que se torne um dia incurável.

Há alguns anos o «Times» de Londres escrevia: «A verdade é sagrada!». Numerosos serão aqueles que confessarão que acham difícil lutar contra a perversão que tem tomado lugar na vida moderna. Numa idade de grande propaganda sem restrições, os homens tornam-se cépticos e cínicos; subtilmente deixam-se adaptar à mentira. Que se deve respeitar a verdade mesmo com prejuízo próprio e que a mentira é desonrosa, mesmo se for coroada de êxito — são afirmacões que muitas vezes não são consideradas como interessantes.

Se um moderno S. Jorge procurar um dragão para com ele lutar, aqui está um à sua mão com o qual poderá combater. Verdade, Confiança, Sensibilidade são as componentes da Amizade e todas três estão compreendidas neste artigo da Lei:

«Um Escoteiro, uma Guia, não tem senão uma só palavra».

J. S. Wilson



AUSTRÁLIA

Os escoteiros celebraram à sua maneira o bicentenário do Capitão Cook e o descobrimento da costaoriental da Austrália. Mais de 10 000 escoteiros participaram no Jambori Nacional de 1970/71, denominado o X «Jambori do *New Endeavor*». *New Endeavor* era o nome do barco do Capitão Cook.

BRASIL

As autoridades brasileiras acabam de dar o nome de Baden-Powell a uma praça da cidade de Curitiba.

BURUNDI

As três associações escotistas deste país — Escoteiros Católicos do Burundi, os Escoteiros do Burundi e os Escoteiros Protestantes do Burundi — fundaram recentemente a nova Confederação dos Escoteiros do Burundi. Foi dado assim um importante passo para ir de encontro ao pensamento da Conferência Mundial do Escotismo, que não reconhece senão uma associação por cada país.

ESTADOS UNIDOS

Os Escoteiros estão em vias de fazer reviver uma velha cidade abandonada do Montana. Um homem, que vivera em Kendall e amara esta cidade na altura do seu apogeu, quando da corrida para o ouro, readquiriu a pouco e pouco terrenos nesta «cidade fantasma» e ofereceu-os ao Conselho Escotista daquela área. Durante os fins-de-semana, a cidade retoma a sua vida. Por todos os lados, os escoteiros abrem trincheiras, não para encontrar ouro mas para fazer resuscitar o património da cidade. Vão desta forma reconstituindo os velhos edifícios e as antigas ruas. O «Campo Kendall» vai tornar-se não só o testemunho dos dias gloriosos do Oeste, mas também um local onde irão acampar vários milhares de escoteiros durante os próximos anos.

● Para promover a participação no 13.° Jambori Mundial, que se realiza no próximo ano no Japão, os escoteiros norte-americanos, além dos esclarecimentos que enviam regularmente através dos canais oficiais, publicam nas revistas para escoteiros e chefes cupões-questionários acerca do Jambori. Estas cupões, uma vez preenchidos, são devolvidos directamente ao departamento internacional do Comissariado Geral Nacional. Milhares de escoteiros responderam já, o que atesta o resultado positivo deste meio de comunicação directa com os elementos escotistas.

FILIPINAS

Pelo sétimo ano consecutivo, os escoteiros do Conselho Ocidental dos Negros organizaram uma vasta campanha de plantação de árvores (acajus e outras), que se realizou em dois fins-de-semana. Os esforços de repovoamento florestal deram já resultados impressionantes: 6 869 árvores em Minapasok, 9 400 em Matugnao e 8 370 em Mambucal.

FINLÂNDIA

«SOMPIO», o Jambori Nacional dos Escoteiros Finlandeses, deve ter sido uma experiência fora do comum especialmente para os escoteiros estrangeiros que nele tomaram parte. Este acampamento realizou-se na Lapónia, próximo do círculo polar árctico, e teve por objectivo familiarizar os escoteiros com a vida dos Lapões, os seus costumes, a criação de renas, a extração de ouro e a exploração.

GRÃ-BRETANHA

Por ocasião da epidemia que grassou em Tynemouth, os farmacêuticos da região ràpidamente esgotaram os frascos para medicamentos. Os escoteiros locais entregaram-se imediatamente à recolha de frascos de porta em porta, o que lhes permitiu reunir alguns milhares de frascos e garrafas.

ÍNDIA

A equipa de caminheiros do grupo de escoteiros de Raisina, Nova Delhi, criou um fundo destinado a conceder bolsas de estudo a escoteiros de parcos recursos, a fim de que possam completar os seus estudos. São os próprios caminheiros que trabalham para construir este fundo.

JAPÃO

No dia 1 de Agosto decorreu o «Dia do Escoteiro» na Expo'70. Estiveram presentes escoteiros que se dirigiam à 1.ª Conferencia da Juventude Escotista para a Ásia e o Pacífico e ao 5.° Jambori Nipónico, que se efectuou na prefeitura de Shizuoka. Um grupo de escoteiros mais velhos do Conselho do Osaka esteve permanentemente na Exposição Internacional, onde prestou numerosos serviços.

LIBÉRIA

Os escoteiros deste país receberam 24 hectares de terrenos da Igreja Metodista Unida da Libéria e um donativo de 1 500 dólares do Fundo Escotista Internacional como ajuda para a compra de material e construção de instalações para um centro de formação de chefes.

RODÉSIA

Entre os escoteiros recentemente recrutados pelo movimento escotista, contam-se membros de uma das mais isoladas tribos africanas: a dos Batongas, do vale do Zambeze. Na região isolada de Siabuwa, onde o vestuário é feito apenas de palha e de contas, 18 jovens formaram um grupo de escoteiros sob a direcção do seu chefe africano, Musekiwa Kukucha, director da escola local.

ZÂMBIA

Três grupos de *venture scouts* da província de Luapula, enpreenderam um acampanha de alfabetização de adultos, com manuais fornecidos pelo governo.

«Não te esqueças de mim»

Continuação da pág. 2

de entre as sombras fugitivas deste jardim ao trazeres a luz cantante do meu primeiro dia que não guardei meu nome no coração e sòmente o enchi de Ti!»

«Pois bem, gentil florinha — disse o Senhor — tu serás para sempre chamada «Não te esqueças de mim!»

Eduardo Moreira

N. da R — Fis uma amorosa lenda, entre papéis velhos encontrada, de fino recorte, que nos traz à mente a viração de benfazejos sentimentos.

Saída há mais de 50 anos do labor infatigável do nosso bom amigo Rev. Eduardo Moreira, lêem-se estas deliciosas linhas e fica-se com uma certeza: a de que é possivel encontrar, entre os papéis enegrecidos pela marcha dos anos, a frescura de pétalas perfumadas, assim como entre montanhas de cascalho aparece por fim o deslumbramento de um diamante.



Acampamento dos Antigos Escoteiros

Terminaram as comemorações do XX aniversário da Fraternal, com um almoço que reuniu 24 companheiros e suas famílias realizado no Parque de Escotismo da Caparica, no último dia do Acampamento de Antigos Escoteiros.

Não puderam comparecer, por doença, Eduardo Quintino Pinheiro, Albano da Silva, Domingos dos Santos e Luís Simões Aurélio, e este gravemente doente, hospitalizado, mas felizmente agora em vias de recuperação.

Desta vez, tiveram os companheiros campistas um razoável período de permanência, de 14 a 23 de Agosto, no sector reservado à Fraternal.

Cremos que tudo decorreu francamente bem e a colaboração dos companheiros foi bastante apreciável em presenças. Consola-nos verificar que merecemos a sua confiança e o respeito pelo que foi feito. Façamos por continuar a merecer essas qualidades e a Fraternal irá cumprindo o seu lugar entre 27 congéneres espalhadas pelo mundo.

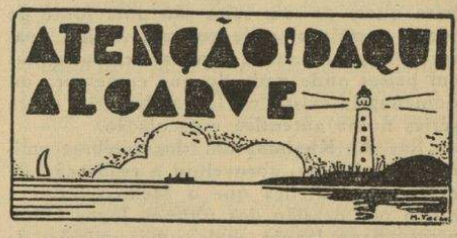
Ao jornal «Sempre Pronto» a nossa gratidão pelo acolhimento que sempre encontrámos nas suas páginas e pela camaradagem dos seus directores.

Também justificou a sua ausência o venerando companheiro Rev. Eduardo Moreira, com saudações fraternas a todos os companheiros e suas famílias

Pedimos aos companheiros que estiveram acampados o favor de nos darem as suas impressões sobre o que foi e como devem ser as futuras actividades deste género.

Durante o almoço de confraternização, foram entregues os prémios do Concurso de Trabalhos Manuais que a Fraternal promoveu.

HUMBERTO MARTINS



Novos escoteiros no Grupo n.º 60 de Vila Real de Santo António

Esta antiga unidade dos Escoteiros de Portugal está novamente reanimando as suas actividades, tendo efectuado diversos acampamentos de fim de semana, nos quais têm prestado compromisso de honra novos escoteiros.

No dia 10 de Agosto, na sede, prestaram compromisso os aspirantes Francisco António Gomes Baptista, António Manuel Gutierres Setúbal e Domingos Manuel Jacinto Peres. Em 12 de Setembro, novos escoteiros vieram engrossar as fileiras do Grupo pelo compromisso dos aspirantes Ambérico Madeira Parra e Ilídio Domingos Martins Rodrigues.

Acampamento Regional

O Grupo n.° 60 tomou a iniciativa de promover um acampamento de conjunto com os Grupos n.ºs 6 de Olhão e 77 de Faro, que se realizou em Vila Real nos dias 3 e 4 de Outubro. — C.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

As reuniões internacionais de escotismo realizadas no nosso País e o Acampamento Nacional

Em Portugal acabam de se efectuar *(1950)* duas importantes actividades escotistas, uma diferente da outra, mas ambas conduzindo ao mesmo fim: ESPALHAR A FRATERNIDADE.

Os Comissários Internacionais e os membros do Conselho Internacional de Escotismo reuniram-se no Forte das Maias, em Santo Amaro de Oeiras...

Em Carcavelos, reuniram-se num Acampamento Nacional 300 escoteiros de todo o Continente.

... A fraternidade é tão importante no plano nacional como no plano internacional. O Escotismo não visa apenas a fomentar a amizade internacional, antes, pelo contrário, ele apoia-se na amizade entre os rapazes de uma mesma nação, centro de onde se projecta e alarga, abrangendo a gente nova de todas as terras, raças e crenças.

Se não formos capazes de confraternizar com os nossos vizinhos; se entre nós, portugueses, levantarmos barreiras, como quereremos que essas mesmas barreiras não existam nas relações com os nossos irmãos de longe?

Os Comissários Internacionais visitaram o acampamento de Carcavelos e, apesar da sua categoria social e escotista, aí foram confraternizar com os escoteiros de Portugal, unindo-se entusiastas em volta do seu fogo de conselho.

E, quando as labaredas da fogueira murcharam, as brasas rubras mantiveram ainda o calor, símbolo vivo da amizade que os nossos visitantes levarão como presente dos rapazes de Portugal aos escoteiros seus irmãos das nações representadas.

DA AZAMBUJA

A inauguração do Grupo N.º 27

Nos passados dias 18 e 19 de Julho, deram-se nesta vila os primeiros passos do Grupo N.º 27.

Fizeram-se 9 compromissos de honra e uma promessa. Para assinalar a data, levou-se a efeito um acampamento na Floresta da Ponte, onde estiveram presentes cerca de 70 escoteiros e dirigentes, dos Grupos n.os 8, com secções da sede e da Ameixoeira, e 84.

No dia 18, à tarde, num salão da vila, procedeu-se aos compromissos de honra com a prestimosa presença do chefe-geral adjunto Eng.º José Maria Nobre Santos e do chefe de Núcleo B de Lisboa, Sr. Mário Lusano Leite, os quais dirigiram palavras aos rapazes e a todos os presentes. Falou ainda a Sr.ª D. Maria Adelaide Pinho, dedicada amiga e colaboradora do Grupo.

Foram entregues os prémios atribuídos às patrulhas que se salientaram nas actividades de campo. Ao Chefe João Constantino, do Grupo n.º 8, foi entregue uma lembrança pela colaboração que este tem dado ao novo grupo.

Incorporaram-se nesta festa algumas dezenas de amigos do grupo, pais de escoteiros e simpatizantes.

Mais tarde, no Externato S. Bernardo, foi servido um beberete, oferecido por um grupo de senhoras.

MATERIAL ESCOTISTA ORNAMENTA AS PAREDES DA SECRETARIA MUNDIAL

Nos seus primeiros tempos, as paredes da Secretaria Mundial estavam nuas. Não havia ali senão ficheiros, cadeiras e classificadores repartidos pelos três andares. Hoje começa a perceber-se, cada vez mais, o ambiente da fraternidade mundial, graças aos diversos brindes que as associações escotistas nacionais têm feito ali chegar.

Os escoteiros do Japão ofereceram um novo equipamento de rádio para a estação de radiamadores da Secretaria, a HB9S. As associações escotistas da Escandinávia ofereceram em comum um tapete da Finlândia e um cheque para custear as despesas com o mobiliário para a sala de recepção.

A associação grega ofertou uma reprodução do Efebo de Maratona. A Federação Suíça presenteou-a com um relógio atmosférico que se dá corda automàticamente, graças às variações de temperatura. Os escoteirois espanhóis ofereceram uma placa de cerâmica representando S. Jorge.

Há ainda outras ofertas de distintivos e insígnias de uniformes escotistas do Luxemburgo, África do Sul, Estados Unidos da América e da Associação dos Escoteiros Católicos da Itália, as quais oferecem um especial interesse para os visitantes escotistas, e emblemas das associações escotistas da Alemanha, Grécia, Iraque, do Corpo Nacional de Exploradores Italianos, Jordânia, Kuwait, Qatar, Arábia Saudita e da Suécia, que ornamentam as paredes da Secretaria ao mesmo tempo que são reflexos coloridos do Movimento.

Do Entroncamento

Grupo N.º 84

Acampamento Xiacnac

Este Grupo esteve representado na abertura do Acampamento Nacional pelo chefe de tribo Vítor Rodrigues André Bertelo, chefe de clã António Manuel Loureiro de Sousa, guia Vítor João Amaral Vergamota, subguia Orlando Jacques Braga, caminheiro Joaquim Nazaré Damas de Carvalho. Esta delegação esteve acampada no fim de semana de 15 e 16 de Agosto, não tendo sido possível a sua presença por mais dias.

Exéquias pelo Professor Salazar

Este Grupo fez-se representar nas exéquias efectuadas na igreja paroquial no dia 27 do mês passado.

Louvores

No mesmo tempo que o Chefe do Grupo 84, sr. Aníbal Rodrigues Horta, era condecorado com uma medalha escoteira de prata, seu filho, antigo escoteiro deste mesmo Grupo e ex-correspondente do «Sempre Pronto» na Beira, que se encontra a cumprir serviço militar na província de Moçambique, recebeu um louvor do Comando do Batalhão de Caçadores n.º 14, bem digno de um escoteiro, dizia:

Louvo o furriel miliciano vagomestre Jorge Aníbal Franco Horta, com mais de 13 meses de serviço da sua especialidade naquela Companhia, se revelou permanentemente um graduado à altura das suas responsabilidades, nunca se poupando a esforços para uma melhoria constante do rancho, mantendo-o num bom nível dentro das limitações de diversa ordem, e sempre impulsionando os órgãos à sua responsabilidade por forma a tudo funcionar eficaz e metòdicamente

Graduado de educação esmerada, muito correcto e disciplinado, tornou-se um óptimo colaborador do seu Comandante de companhia, sendo de inteira justiça destacar a sua actividade dentro da subunidade através deste público louvor.

a) *O Comandante de Companhia, Armando Taborda. Cap. de Inf.*

A notícia deste louvor encheu de orgulho os rapazes do Grupo n. 84 do Entroncamento.

Vítor Vergamota

MAIS ALÉM

Manual de Provas de 1.ª Classe

O livro indispensável a todos os Escoteiros.

NATAÇÃO
HIGIENE
ACAMPAMENTOS
SINALIZAÇÃO MORSE
ORIENTAÇÃO
NÓS
FOGUEIRAS E FORNALHAS
COZINHA
O CORPO HUMANO
ACIDENTES
AVALIAÇÃO DE DISTÂNCIAS
METEOROLOGIA
EXPLORAÇÃO
CONHECIMENTO DA NATUREZA
etc. etc.

Colaboraram Prof. Aníbal Ramos, E. C. António M. Calhau, E. C. Armando Garcia Inácio, Eduardo Barbeiro, E. C. Eduardo Ribeiro, E. C. Joel Ribeiro, E. C. Eng.º Nobre Santos, Guia Chefe D. Júlia Ribeiro, Dr. Leopoldo de Figueiredo, Dr.ª D. Lídia de Medeiros, E. C. Manuel Tacão Monteiro.

PREÇO ESC. 12$00

À venda na Administração de «Sempre Pronto»

e no

Serviço de Material e Uniformes da A. E. P.

LUÍS SIMÕES AURÉLIO

Este nosso prezado amigo e distinto colaborador, que, como noticiámos no último número, sofreu uma intervenção cirúrgica, já regressou ao seu lar e encontra-se presentemente a convalescer nos arredores de Lisboa.

Como a sua recuperação se está fazendo da melhor maneira, estamos confiados de que dentro em breve teremos o grato prazer de o ver regressado ao nosso convívio.

o presidente da Câmara Municipal de Almada, o comissário nac. da M. P., restantes membros da Direcção da A. E. P. e toda a chefia de campo, da qual se destacou o eng.º Nobre Santos como o principal chefe. Içaram-se as bandeiras, tendo os grupos entoado os Hinos Nacional. do Xiacnac, e o da A. E. P.

Seguidamente, o eng.º Nobre Santos leu telegramas e cartas de saudação de Angola, de antigos escoteiros da Índia e da União dos Escoteiros do Brasil.

Como parte interessante, foram entregues várias insígnias e medalhas a escoteiros e dirigentes pelas entidades oficiais presentes, a convite do presidente da Associação.

O Sr. subsecretário da Juventude e Desportos colocou a insígnia de Lobito Alerta no peito do jovem lobito Manuel de Sousa, do Grupo 8. Falou depois o chefe-geral, que agradeceu a presença das entidades e de seguida efectuou-se uma visita ao campo enquanto se realizava um exercício de salvamentos.

As entidades oficiais e muito público apreciaram então as instalações de cada Grupo, tendo o sr. presidente da A. E. P. dirigido palavras de aplauso a muitos chefes.

AS ACTIVIDADES DE CAMPO

Para toda a semana, havia esboçado um programa do qual os escoteiros tiraram o melhor partido possível, na medida em que nem todos poderiam participar simultâneamente.

Podem-se considerar boas as actividades levadas a efeito e, entre elas, destacam-se os torneios desportivos, que predominaram em quase todos os tempos livres.

Deste modo, destacamos as principais actividades, com relatos publicados por «*Gamo Ligeiro*» no jornal de campo.

2.ª Feira — Actividades de Subcampos

Numa breve visita aos grupos, para cumprimentar os seus chefes e escoteiros, aproveitámos para registar as suas impressões sobre a zona do campo que lhes fora destinada.

Lamentaram alguns a sua sorte, enquanto outros demonstraram evidente satisfação pelas suas instalações.

O chefe Manuel Teixeira, do grupo 17, diz-nos que o seu campo não é dos piores, embora com dificuldades, mas estas sempre serão vencidas. São da mesma opinião os chefes Calás, do grupo 5, e Constantino, do grupo 8, que entretanto acharam o terreno um tanto sujo.

O chefe Duarte, do grupo 4, bem como os chefes Martins e Couto, respectivamente dos grupos 77 e 91, gostaram dos seus campos, lamentando

O XIACNAC

Continuação da pág. 1

não terem possibilidades de os preparar com antecedência, para ficarem mais atraentes.

O chefe Aleixo, do Dondo, Moçambique, manifestou-nos boa disposição, dizendo-se contente com o campo que lhe coube, embora estranhe encontrar formigas, contra as quais já se preveniu com alhos.

Lamenta-se o grupo 9, pela voz do chefe Garrett, dizendo que lhe coube um campo difícil e que não se devia trabalhar nas ornamentações antes do início do acampamento.

O chefe Zeferino, do Grupo 36, de Luanda, lamenta só poder contar com os seus escoteiros na segunda-feira seguinte, mas gosta do campo que lhe coube.

O grupo 14 luta com o campo, que acha muito difícil e também com a falta de material, protestando que só existam dois ancinhos ao serviço de todos.

A delegação da M. P., pela voz do Brito, diz-nos que considera o seu campo dos piores do Parque, também há lamentos dos chefes Virgílio do 19, Armando do 94 e Carlos do 23.

Todavia, há optimismo nos chefes, Armando do grupo 7 e Amaral do 16, que consideram tudo «jeitoso».



Um escoteiro-chefe que se vem distinguindo, mercê da dedicação pelo escotismo e em particular pelo seu grupo — o n.º 8 — que transformou num dos mais florescentes dos Escoteiros de Portugal. Eis o momento em que o chefe João Constantino é recompensado pelos Serviços Centrais pela sua entrega ao ideal escotista: o tesoureiro-geral, Sr. Comodoro Diogo Afonso coloca-lhe ao peito a medalha de «Dedicação e Bons Serviços», de prata.

Num aspecto, recolhemos opiniões unânimes: É necessário trabalhar para que tudo fique o melhor possível.

A hora é de esforço e o lema é «PROSSEGUIR».

3.ª Feira — Pioneirismo aplicado

«Entramos hoje nas competições de pioneirismo.

Uma catapulta de lançamentos foi o tema para as construções.

Cinco construções foram montadas por diversos grupos, na grande clareira.

Todas em bom estilo e com excelente arremeço.

As equipas funcionaram bem e todos deram mostras do saber escoteiro.

Os nós, as ligações em tripé, em esquadria, em oblíquo, foram alvo de muita atenção por parte da chefia de campo.

A rapaziada deu tudo por tudo e saiu obra asseada.

Ontem, terminaram algumas das competições desportivas. Também nestas o entusiasmo esteve patente o que nos leva a tomar uma decisão muito séria sobre o empreendimento do desporto no Escotismo.

São necessárias mais provas e jogos deste quilate, é necessário que no Inverno pratiquemos muito desporto para estarmos preparados para estas alturas.

É urgente conseguir-se locais onde os grupos ou núcleos possam treinar os seus rapazes».

4.ª Feira — Visitas de Estudo...

Foi um dia bom.

A rapaziada, contemplada com dois belos passeios, viu satisfeitos os desejos de todos os que estão a passar estes belos dias de sol no Campo-Escola da Costa da Caparica.

Os escoteiros do norte do país escolheram quase todo o percurso da excursão pela zona de Lisboa e, assim, visitaram o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, Museu dos Coches, Museu de Marinha, Planetário e, depois, uma rápida subida à serra do Monsanto, para ver a linda paisagem que dali se disfruta.

Respirando o bom ar de Montes Claros e regalando a vista pela magnífica panorâmica que o Tejo proporciona. acabaram os escoteiros por almoçar, e com muito apetite.

Depois, uma rápida visita por Lisboa antiga e uma subida ao esplendoroso Castelo de S. Jorge.

Outro Grupo excursionista preferiu uma visita à zona dos Três Castelos, passeio turístico que engloba os castelos de Setúbal, Sesimbra e Palmela.

A magnífica paisagem da Serra da Arrábida despertou nos escoteiros fortes desejos de poderem ali fazer uma boa actividade.

As canções e gritos de entusiasmo saíam em turbilhão das gargantas juvenis, sempre prontas e afinadas.

A marcha do Xiacnac era bastante vibrante.

E que bom o banhinho tomado nas

DIA A DIA

frescas e límpidas águas da praia de Sesimbra!

E a boa vontade do banheiro, que a todos emprestou e alugou calções de banho

Formidável!

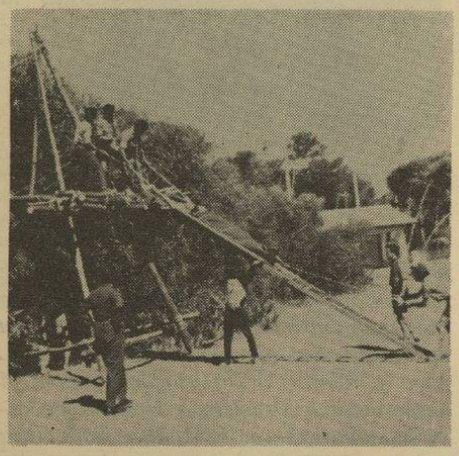
Inesquecível!

... E à noite Fogo de Artifício!!!

«O grupo n.º 94, de Lisboa, fez convite a toda a rapaziada escoteira para assistir, na praia de Santo António, a um «fabuloso» fogo de artifício.

Houve «casa» cheia! A originalidade do facto, num Acampamento Nacional, atraía a curiosidade.

O pior foi no local. A pouca experiência dos «pirotécnicos» impacientava o público.



A arte do escoteiro é uma actividade através da qual os grupos gostam de demonstrar o grau de aptidão técnica dos seus rapazes. A imagem mostra uma fase do exercício de socorrismo em que os rapazes dão provas não só dos seus conhecimentos técnicos, como também do desejo de servir, que é apanágio do nosso movimento.

Mas eis que salva a situação um escoteiro de Gaia, do grupo 44. Emocionado, comanda as «operações» e fez o 94 dar um brilharete de estrelinhas e coriscos de todas as cores.

Foi bom, disseram muitos.

Augusto da Conceição, um jovem de 19 anos, que logo foi denominado o «fogueteiro», tornou-se o herói da noite.

— Qual a tua profissão e quantos anos tens de escoteiro?

— Sou soldador... e sou há três anos escoteiro.

— Estás habituado ao fogo de artifício?

— Já não é a primeira vez que deito fogo e como vi a «malta» do 94 atrapalhada, apareci e dei a minha ajudinha...

— Costumas deitar muito fogo na tua terra?

— No S. João, nos arredores de Gaia, fazem-se pequenas festas e, no último dia, todos deitam fogos. Por isso, eu estou habilitado, mas não para o caso de foguetes que exigem maior responsabilidade.

— Desejas dizer algo mais?

— Sim! Quero saudar com um grande abraço os escoteiros acampados no Xiacnac e em especial a rapaziada do Sul onde só tenho encontrado bons amigos».

5.ª-Feira — O Dia da Amizade

Este dia foi especialmente dedicado pela chefia de Campo à confraternização escoteira.

De tarde, foi elaborado um interessante jogo de letras em que a palavra PROSSEGUIR, lema do Xiacnac, era colocada em evidência.

Neste jogo, participaram pràticamente todos os escoteiros acampados e tudo terminou com uma formidável gincana.

Ao jantar, cada grupo convidou dois escoteiros de grupos diferentes para a sua refeição, o que deu azo a maior camaradagem.

Mariano Garcia, fixou assim no jornal de Campo o seu apontamento diário:

«O dia de ontem foi especialmente dedicado à cortesia.

Seguindo um hábito antigo entre os escoteiros, sempre posto em prática nos grandes acampamentos, cada grupo recebeu no seu campo, como convidados de honra, dois companheiros de outros grupos.

Valeu a pena observar os requintes de delicadeza com que os hóspedes foram tratados. Em alguns campos nem sequer faltou o pudim, os bolos ou o café.

O Escotismo é uma escola de virtudes e a delicadeza de trato é uma VIRTUDE que, infelizmente, se vai tornando rara nas relações entre os homens».

6.ª-Feira — Excursão de Patrulhas, típica de 2.ª classe

«Os escoteiros tiveram hoje uma prova de bom cunho escotista. Cerca de doze patrulhas efectuaram uma excursão de 2.ª classe, num percurso aproximado de 12 kms.

Pela manhã, um sol quente e radioso acompanhou os escoteiros para os diversos pontos do percurso.

Caminharam uns para a Fonte da Telha, outros para a Charneca e, assim, ao redor do Campo-Escola, as patrulhas seguiram colhendo os elementos pedidos: recolhas de pegadas, fósseis, folhas de árvores, desenhos de localidades, altura de edifícios, esboços de caminhos, etc.; um sem número de pequenas tarefas de grande importância para a preparação dos escoteiros.

Foi em cheio e divertido!

Escoteiros houve que vieram carregados de couves, oferta simpática de uma camponesa.

Percurso duro para alguns rapazes, que chegaram a rebolar pela falésia, enquanto fácil para outros, que tiveram caminhos mais suaves.

Enfim, uma dura mas bastante proveitosa prova escotista».



A cerimónia da inauguração do XIACNAC. Vêem-se, da esquerda para a direita, os srs. Subsecretário da Juventude e Desportos; Comodoro Diogo Afonso, tesoureiro-geral da AEP; Almirante Henrique Tenreiro, presidente da Direcção da AEP; e Comandante Tengarrinha Pires, escoteiro-chefe geral.

Sábado — Diversas Actividades

O último sábado foi bastante agitado, já que o final do acampamento se avizinhava com muita rapidez.

A chefia de campo decidiu visitar os campos dos grupos e atribuir-lhes a classificação respectiva.

Esteve de parabéns o grupo n.º 19, da Pontinha, que arrancou o primeiro lugar da classificação, aliás bem atribuído porque o seu campo merecia-o.

De tarde, os lobitos acampados organizaram uma pequenina festa composta por jogos e mais brincadeiras, festa essa que vinculou a sua passagem pelo Xiacnac.

Ao escurecer, no alpendre junto ao parque desportivo, efectuaram-se animadas disputas de jogo de pau, por praticantes do Ginásio Clube Português, que ali foram fazer demonstrações.

A luta entusiasmou os escoteiros, que apoiaram ruidosamente o chefe João Constantino, ao bater-se, com muita valentia, em vários assaltos.

Perto das 22 horas, na grande clareira, deu-se início ao Fogo do Conselho principal.

O Fogo do Conselho é, a par das solenidades de abertura e encerramento dum acampamento, o momento em que a vibração escotista atinge o auge.

Tarefa de responsabilidade, pois o Fogo do Conselho encerra a vida

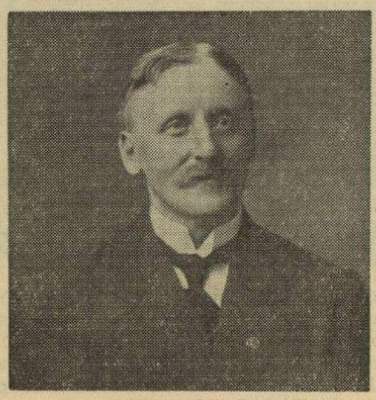
Continua na pág. 9

Os Fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal

e a sua cooperação na Cruz Vermelha Portuguesa

As notas biográficas que no último número publicámos, a propósito do falecimento do sr. Comandante Melo Machado, suscitaram considerações acerca da fundação dos Escoteiros de Portugal e sobre algumas das individualidades que com o Comandante Melo Machado colaboraram.

O nosso estimado amigo sr. Albano da Silva observa que o sr. Rudolfo Horner foi o primeiro secretário e tesoureiro da Direcção Central e recorda-se «*de ter visto na Rua das Gaivotas um borrão de Caixa onde aparecia um saldo de meio tostão!!*»



Rudolfo Horner

A este companheiro parece-lhe que, tanto o sr. Horner como o sr. Roberto Moreton, se distinguiram como membros devotados da Direcção da Cruz Vermelha Portuguesa.

Como considerássemos de muito interesse aclarar, neste aspecto, a história da fundação dos Escoteiros de Portugal, resolvemos recorrer à memória privilegiada do nosso distinto colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, o qual, mais uma vez, confirmou as nossas esperanças com a carta que oferecemos à curiosidade dos nossos leitores.

Diz o nosso prezado amigo:

Meu querido Companheiro

O seu desejo ainda quase *que chegou a tempo, porque depois dos oitenta pode a memória enublar-se e a mão tremer. Ligo uma coisa à outra, pois enquanto a mão estiver firme vou confiando um pouco na «massa cinzenta» (ainda que não veja tudo «cor de rosa»)...*

Fala-me da Cruz Vermelha Portuguesa e da Associação dos Escoteiros de Portugal. Irei por partes e com cautela, pois a memória tem falhas, até nos jovens. E não devo estender-me demasiadamente.

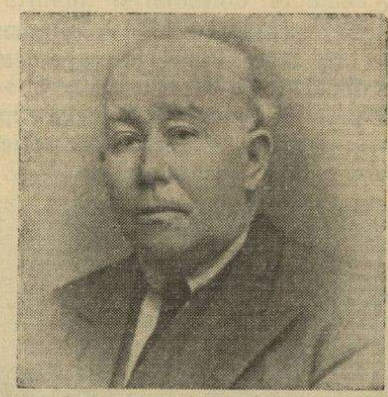
A C. V. P. deve muito ao Major Guilherme Luís dos Santos Ferreira, seu secretário perpétuo *por muitos anos, e seu impulsionador, pois a encontrara ainda nos passos vacilantes da sua «infância» em Portugal. Dominando línguas vivas com esmero e cultivando com entusiasmo línguas mortas (o latim da Vulgata e o hebraico e o grego dos dois Testamentos bíblicos), representou a sociedade de que era o nervo central em vários congressos mundiais. Das suas reminiscências de Roma e S. Petersburgo me lembro bem, em conferências que lhe ouvi, além das conversas que tivemos. O que sei é que se lhe não pertenceu a proposta da adopção do emblema e do respectivo nome — a cruz vermelha em campo branco, em homenagem à Suíça onde nascera a «Associação de Socorros aos feridos em campanha», pelo que só se trocavam as cores da sua bandeira—, foi ele, pelo menos, um dos que votaram a proposta na «Sala dos Horácios e Curiácios» em Roma. Lamento a minha incerteza confessada, mas afirmo que ele foi ali um nosso nobre representante.*

Aí pelos anos de 1906-10 (talvez já no regime republicano, cito de memória, longe dos meus documentos, mas o que importa agora é o facto) propôs o Major S. F. para a direcção da C. V. P. os nossos amigos, seus correligionários, pastor Santos e Silva, e os pioneiros do Escotismo português Rodolfo Horner e Roberto Moreton. Durante anos concorreram eles às sessões presididas de início pelo Duque de Palmela (talvez nem sempre presente). Lembro a figura de Português-antigo (como o sonhamos) do General Machado, o novo presidente que vi nas minhas «fugas» de moço ansioso de saber. As visitas que Santos Ferreira recebia com pedidos de informação, os mais variados, davam a impressão de ser, como se dizia, uma sucursal da Enciclopédia Britânica (ainda não tínhamos a nossa); e havia evidente exagero no dito, pois com Goethe se diz acabaram os homens enciclopédicos. Era de uma memória parente da sua argúcia, de facto. O que deixou publicado é sempre original e de relevante erudição. A principal obra é constituída pelos dois volumes sobre Heráldica, assunto em que foi mestre incontestado. Mas o voluminho hoje raro, «A Bíblia em Portugal» é uma obra-prima de disciplina mental e de esforço investigador, que espera a segunda edição para servir uma geração mais atenta que a nossa a certos aspectos da Cultura Portuguesa.

Por minha parte e na minha reconhecida mediania muito devo à sua memória, como à dos três outros amigos citados. Se a gratidão porventura não é apanágio de todos, mais apreciável foi a iniciativa em convidar-me agora a recordá-los.

*

Quanto à A. E. P., de cuja direcção fui secretário e, por assim dizer custódio *de tudo que lhe restava, herdado num período de maior decadência, creio haver quem melhor recorde, se quiser dar-se a esse trabalho. Entretanto, recordo as minhas caminhadas nocturnas pelo Paço da Rainha, com o simpático companheiro Dr. Fontes, de regresso das nossas sessões em que tentávamos injectar vida à então débil A. E. P. E graças a Deus ela remoçou. Tivemos o apoio de homens como o Dr. António Augusto Curson, bom e sabedor amigo que presidiu à Direcção; depois a vinda*



Roberto Moreton

do Dr. Tovar de Lemos, com quem tive também o prazer de trabalhar, e cujo carácter, sob muitos aspectos, pude bem apreciar. Eu, que poucas forças tinha, para aguentar a instituição, encontrei nesse médico altruísta o Homem necessário, na devida altura, de visão clara e larga, feição ecuménica, carácter tolerante, simpatia irradiante, que tanto nesse campo, como escoteiro-chefe geral, como noutros em que nos encontrámos, me ajudou nobre e eficazmente. Do Porto, para onde fui em 1922 e para onde fui nomeado comissário regional, tendo ali o valioso auxílio do querido amigo António Álvaro Dória, segui com atenção a acção desenvolvida pelo serviço central.

O Grupo 1, que tivera já o seu período áureo, foi vendo os garbosos rapazes de Horner e Moreton tornarem-se elementos preciosos da Grei, onde ingressaram, levando, com aptidões várias, a solene promessa do Escoteiro no coração, e muitos mantendo-se companheiros fiéis e saudosos, e até activos na Fraternal. Outros grupos cresciam em magnífica emulação, entre eles o 2.

O Grupo da A. C. M. do Porto teve com Dória a sua fase brilhante, enquanto eu, secretário geral dessa associação, o então famoso Triângulo Vermelho, me via assoberbado com múltiplas responsabilidades mas, graças a Deus, com bons camaradas que desinteressadamente e em verdadeiro espírito de equipa me auxiliaram. Foram dias grandes!

Continua na pág. 13

O XIACNAC DIA A DIA

Continuação da pág. 7

activa do acampamento e será, implìcitamente, um facto muito recordado pelos escoteiros.

Conforme os planos do dirigente do Fogo, foram três os Fogos realizados.

Os dois primeiros serviram para ensaio do último, que seria o principal por ser público.

Com a presença de mais de duzentos visitantes, o fogo foi aceso.

Começou com o ritual do falecido chefe Amâncio Salgueiro e, pode dizer-se que, apesar de os escoteiros se atrapalharem um pouco, o público apreciou bastante aquele começo.



O Brasil, a Pátria Irmã não quis estar ausente do Xiacnac. Assim, enviou-nos um dos seus briosos escoteiros. Rapaz alegre, simpático, bom camarada, este nosso irmão-escoteiro dignificou o movimento a que pertence e foi mais um elo na cadeia de amizade que une os dois países Bem hajas! Felicidades e *boa caça!*

Frederico Lemos dos Santos — Cidade do Natal

Depois dalgumas palavras de agradecimento pelo chefe principal do Xiacnac, Eng.º Nobre Santos, os escoteiros romperam em vibrante alegria.

A marcha do Xiacnac deu o início da boa disposição. A seguir, canções, duetos e monólogos de muito interesse e sabor escoteiro.

A convite do dirigente do Fogo, Armando Inácio, o público colaborou nos gritos e canções ligeiras.

Assistimos a uma boa jornada, porque não houve interrupções e tudo seguiu com muita vivacidade.

Graças a uma boa colaboração da Philips Portuguesa conseguiu-se que o local do «Fogo» estivesse francamente iluminado e também sonorizado, o que tornou mais brilhante o desenrolar dos vários números que os escoteiros apresentaram.

Ranchos folclóricos, canções regionais, óperas cómicas, Fernando Pessoa, Gil Vicente, Kipling, batuques e danças ultramarinas, estiveram vivos nessa noite inesquecível.

Domingo — O Encerramento

Manhã cedo, todos se atarefavam para a cerimónia festiva do encerramento do Xiacnac.

Depois das cerimónias religiosas levadas a efeito dentro do campo, cultos católico e evangélico, os escoteiros formaram em grande ferradura na clareira.

Presentes toda a chefia de campo, antigos escoteiros e ainda o escoteiro Chefe Geral, Sr. Comandante Tengarrinha Pires

O Chefe do Acampamento iniciou então uma prece de acção de graças pela boa actividade realizada e seguidamente começou por fazer a distribuição de prémios de todos os concursos levados a efeito antes e durante o Acampamento.

«Sempre Pronto» aproveitou o ensejo para também sortear os prémios oferecidos pelo concurso que realizou no campo e que noutro local noticiámos, tendo oferecido os oito exemplares tirados no acampamento ao Sr. Escoteiro-Chefe Geral.

Depois da entrega dos Prémios, o Chefe de Campo leu a sua mensagem, após o que se cantou a «Marcha do Xiacnac».

Aproximava-se o momento final. Cantaram-se os hinos da A. E. P. e Nacional, enquanto as bandeiras desciam suavemente dos mastros, no meio de um sol esplenderoso.

Os escoteiros uniram-se então num grande amplexo de amizade: Braços entrelaçados, formando um grande círculo. Lentamente entoaram o hino do Adeus. Ao abandonarem o Xiacnac, via-se no rosto daquelas centenas de rapazes já uma pontinha de saudade dos belos dias que tinham acabado de viver.

A Mensagem de Despedida do Escoteiro-Chefe Geral Adjunto

O XIACNAC terminou. Que juízo poderemos fazer dele? Terá sido aquilo que se esperava?

Cada um responderá por si, mas julgo poder afirmar-se que regressaremos todos aos nossos lares com a certeza de que recordaremos com saudade os dias que aqui passámos.

Trabalhou-se, houve que resolver dificuldades, mas conseguimos realizar trabalho que foi, em grande percentagem, profíquo para o rapaz, para o Movimento e para o País.

Poderia ter havido mais animação e uma melhor actuação em alguns sectores, mas eu julgo que houve um desejo geral de cumprir e de esforço no sentido de se atingirem os objectivos do acampamento: pôr à prova a capacidade dos rapazes, dar-lhes estímulos de progressão e criação de novas amizades. Neste último aspecto cabe-me referir, muito especialmente, a presença e óptima colaboração da delegação da M. P. que esteve connosco, a presença de bastantes elementos do C. N. E. e, ainda, a satisfação que nos deu a vinda do representante dos Escoteiros do Brasil.

A terminar, quero desejar que todos voltem a suas casas desejosos de irem a um novo Nacional.

BOA CAÇA

Eng.º José Maria Nobre Santos

A presença do «Sempre Pronto» no XIACNAC

Continuação da pág. 1

que o receberam com um entusiasmo que jamais poderíamos esperar e representou, sobretudo, uma experiência válida que deverá ser aproveitada e poderá servir de padrão para os próximos acampamentos.

Com a ligeireza de processos que o local impunha e a actualidade que a sua periodicidade exigia, o jornal do campo foi para todos os participantes do XIACNAC o elo de ligação que nós desejávamos. Desde o artigo de fundo, tema para meditar curiosamente apresentado, às entrevistas e reportagens, passando pelas aventuras do nosso «Zé Escoteiro» e sem esquecer a presença dos antigos escoteiros, os respeitados «ginjas» além de algumas verrinosas intervenções do nosso velho «Olho à Coca» e de interessantes ilustrações anedóticas, tudo revelou o excelente poder de criação e improvisação da jovem equipa que trabalhou com entusiasmo, às vezes até noite dentro, para que o jornal de campo fosse uma realidade e... um diário.

Também houve um magnífico concurso e esse, excelentemente idealizado e posto em prática por processos muito simples, que esteve provàvelmente na base do êxito obtido pelo jornaleco. Os prémios eram tentadores e os escoteiros, que apreciam, acima de tudo, mostrar que sabem o que se lhes pergunta, corresponderam com um entusiasmo verdadeiramente sensacional.

A distribuição dos prémios fez-se na cerimónia do encerramento do Acampamento, após a entrega de uma colecção dos números editados ao Escoteiro-Chefe Geral, que teve palavras de aplauso para esta iniciativa, que considerou de muita utilidade.

«Sempre Pronto — edição Xiacnac» foi o resultado do esforço dos nossos mais jovens colaboradores, onde o entusiasmo de Armando Inácio fez milagres, desdobrando-se com verdadeiro sacrifício nas suas múltiplas funções de dirigente de actividades, agregando preciosas colaborações momentâneas, de excelente utilidade. Também o nosso jovem redactor «Gamo Ligeiro» teve excelente trabalho, pois foi ele constantemente o repórter em campo.

Na venda do jornal encontrámos mais dois excelentes colaboradores: os lobitos do grupo n.º 17 António Teixeira e Belmiro Ferreira. O Toni e o Belmiro foram os ardinas privativos do jornal, trabalho que executaram com graça, revelando o maior interesse e aplicação.

O produto total de venda, esc 390$50, foi entregue ao Escoteiro-Chefe Geral Adjunto com destino ao Fundo de Auxílio Escotista.

Estamos certos de que vivemos uma magnífica jornada de divulgação do nosso jornal junto dos jovens escoteiros e confiamos que todos sintam o interesse sincero que nos move em defesa dos altos ideais que o Escotismo encerra. Em troca, mais não esperamos do que apoio ao nosso esforço, para que «Sempre Pronto» possa ser, mês a mês, maior e melhor.

M. G.

D. Maria Helena Alves da Silva

Em princípio de Setembro passado, a Sr.ª D. Maria Helena Alves da Silva, esposa do nosso dedicado amigo sr. Albano da Silva, sofreu um acidente num acesso da sua residência, de que resultou grave fractura do braço direito. Submetida a operação cirúrgica na Clínica de S. Lucas, com bons resultados, encontra-se em vias de restabelecimento, que desejamos seja rápido.

Concurso do «Sempre Pronto — edição XIACNAC»

Premiados

1.º — Henrique Manuel Ferraz, grupo n.º 91, V. N. de Gaia: — 1 par de patins e 1 assinatura anual de «Sempre Pronto».

2.º — António Manuel Dias, grupo n.º 17, Porto: — 1 exemplar de «O Caminho do Triunfo de B. P. e 1 assinatura anual de «Sempre Pronto».

3.º — Carlos Eduardo Mascarenhas, grupo n.º 8, Lisboa: — 1 exemplar de «B. P., Cidadão do Mundo» e 1 assinatura anual de «Sempre Pronto».

4.º — Belmiro Joaquim Ferreira, grupo n.º 15, Porto: — 1 assinatura anual de «Sempre Pronto»

5.º — Fernando Augusto dos Santos, grupo do Dondo, Moçambique — 1 assinatura anual de «Sempre Pronto».

Nota — Como prémio especial de colaboração, foi ainda concedida 1 assinatura anual de «Sempre Pronto» ao lobito António Teixeira, do grupo n.º 17, do Porto.

Mensagem do Presidente da Direcção da Fraternal no encerramento do XIACNAC

Terminou com chave de ouro o XIACNAC, acampamento Nacional de 1970, e, com esta feliz jornada, as comemorações do XX aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros. E termina com extraordinária circunstância no dia 23, consagrado à nossa Tertúlia, uma sentinela alerta dos antigos para os novos. Pena que a marcha implacável do tempo faça com que os menos corajosos vão reduzindo as presenças nestes poucos momentos de recordação de uma mocidade vivida com uma utilidade sem par.

Felicitemos os nossos poderes centrais pelo êxito de tantos esforços dispensados, bem como a todos os que deram tão valorosamente a sua contribuição.

Acompanhámos com emoção todas as fases deste modesto trabalho digno de todo o respeito dos espíritos compreensivos. Houve faltas? Evidentemente, mas elas deram incentivo para melhores realizações.

Que a mocidade presente nos siga com sincera vontade, dispondo de tantos meios de acção que o progresso nos está dando para Portugal que tanto amamos acima das nossas conveniências.



Da esquerda para a direita: Sentados — Dr. Fausto Salazar Leite, Roberto Moreton, Dr. Sá Oliveira, Com. Melo Machado, Prof. Aníbal Pinheiro. De pé — W. G. Pope, Albano da Silva, Dr. Valentim Lourenço, Rui Santos, Prof. Edmundo Lima Basto, António Manuel Ribeiro, Raul Nolasco, Alexandre Correia e António Ferreira da Silva.

Comissão Permanente, eleita pela Conferência de Dirigentes (13 de Outubro de 1933).

TECNOLOGIA DE ALGAS VERDES PARA PAÍSES EM DESENVOLNIMENTO

Há exactamente um ano, o ministro de Cooperação Económica da República Federal da Alemanha, Dr. Erhard Eppler, convidara jornalistas de Bona para um almoço incomum. Inicialmente os convidados beliscaram, curiosos e admirados, um pó verde, que lhes tinha sido apresentado como o ingrediente mais importante do almoço. O anfitrião não considerou a incredulidade dos convidados como falta de cortesia: o pó verde, com o qual tinham sido preparados, para esse almoço, uma sopa, biscoitos e o pudim, eram algas secas, e com tais algas, assim declarou o ministro de Cooperação Económica, pretendia-se solucionar o problema da falta de proteínas nos países em desenvolvimento.

Na República Federal da Alemanha a alga verde já foi testada, com êxito, como alimento para doentes em convalescença, que sofriam de falta aguda de proteínas; algumas firmas alemãs fazem a preparação comercial de algas verdes como alimento.

A fome e a subnutrição no mundo só em parte assentam na falta de calorias, que se pode superar com hidratos de carbono, por exemplo, cereais. Um problema pelo menos tão grave é a falta de proteínas e a alimentação falha, em consequência da falta de proteínas.

Como a criação de gado e a produção de leite é limitada nos países tropicais, o abastecimento de proteínas nessas regiões deve ser tentado mediante uma planta, segundo os resultados até agora obtidos dos estudos. Com excepção da soja, os outros frutos convencionais nos trópicos não entram em cogitação. A alga verde oferece, de acordo com o ponto de vista de cientistas, aqui uma oportunidade para preencher essa lacuna. Contém 51% de proteínas, todos os aminoácidos essenciais, multiplica-se de maneira especialmente propícia sob actuação do sol tropical, aproveita quase sem prejuízo, a escassez de água que se verifica em quase todos esses países e os fertilizantes, a serem importados, regra geral, à custa de divisas, e, além de tudo isto, é de sabor agradável.

Pode ser tarefa da tecnologia da alga verde prestar uma contribuição ao abastecimento, justamente das camadas populacionais menos favorecidas, de proteínas baratas e acessíveis.

Primeiro projecto de algas verdes

Em 30 de Julho último, foi firmado em Bona um acordo, segundo o qual o Governo Federal, no quadro de sua Ajuda Técnica à Tailândia, executará, num país em desenvolvimento, pela primeira vez, um projecto de «Experiência da Tecnologia da Alga Verde e da Receptividade da Alga Verde na Alimentação Humana».

Em cooperação como o «Institute of Food Research and Product Development», em Bancoque, que está executando um programa de desenvolvimento e experimentação de novos alimentos com grande teor de proteínas, deverá ser testado o crescimento da alga verde ou também outros tipos de algas mais resistentes às temperaturas. Essas tarefas serão executadas por um biólogo alemão e dois nutricionistas da Tailândia, os quais foram à Alemanha, fazer um curso de especialização em Dortmund.

Espera-se do projecto que está a ser executado na Tailândia, que os resultados aí obtidos não só sejam significativos à política de desenvolvimento desse país, mas possam representar também valiosos pontos de partida para projectos semelhantes noutros países tropicais, em desenvolvimento.

Comandante Melo Machado

A propósito da morte do fundador do escotismo em Portugal, escreve-nos o nosso querido amigo e colaborador, sr. Albano da Silva:

«Ao receber, hoje, em casa, o «S. P.» de Agosto (o exemplar que li no sábado pertence aos S. C. da AEP) quis reler os artigos sobre o C.te Melo Machado e logo reparei que ele nasceu em 22/2, dia célebre, por ser o Dia do Pensamento.

B.-P. nasceu em 1857 e M. M. em 1883. 26 anos de diferença»...

DOS AÇORES

4.º JAMBORI AÇOREANO

Organizado pela Junta Regional do CNE, realizou-se na Ilha Terceira, de 7 a 15 de Agosto passado, o 4.º Jambori Açoreano, com a participação de cerca de 150 elementos, incluindo quatro jovens adultos ingleses (uma menina e três rapazes) e vários filiados do agrupamento dos «Boy Scouts of America» da Estação das Lajes, acompanhados dos dirigentes Mr. Dell. Mr. Hilton e Mr. Dickerson.

A direcção do acampamento esteve a cargo dos dirigentes do CNE: Chefe de campo, Vítor Hugo Fragueiro; Adjunto, António Pádua Amorim; Assistente, P.e Manuel da Costa Freitas; secretário, Marino Franco de Lemos; administração, João Valentim de Carvalho e Ilídio Vieira Gomes.

Tomaram parte nesta actividade, que teve por lema «Por uma Juventude Melhor», treze patrulhas distribuídas por três subcampos denominados Mercúrio, Andrómeda e Sagitário, chefiados respectivamente pelos dirigentes José Melo Cota, José Guilhermino Amorim (CNE) e Jacinto dos Reis Moniz Silva (AEP) este coadjuvado por Francisco J. Borges Ferreira (CNE), chefe das actividades no acampamento, em vista do E. C. Moniz Silva não ter podido tomar parte em todo o acampamento.

As patrulhas acampadas pertenciam às seguintes unidades: *Da Ilha Terceira:* CNE-BA4 (uma); CNE-P. Vitória (três); CNE-Agualva (duas); AEP-52-Angra (uma); BSA-BA4-Lajes (duas).

Da Ilha de S. Miguel: AEP-80-P. Delgada (uma); CNE-P. Delgada (duas) e MP-P. Delgada (uma).

No dia 9, o acampamento foi inaugurado oficialmente, com a presença do Governador do Distrito e diversas entidades oficiais.

Durante o Jambori, os rapazes competiram em atletismo, gincanas, passeios de exploração e excursões.

Cada patrulha bastou-se a si própria, confeccionando as suas refeições segundo o sistema de patrulhas.

Os dirigentes e Caminheiros, tomaram as refeições no «restaurante» do Campo, dirigido por uma equipa de voluntárias composto por senhoras chefes e escoteiras da Terceira, de S. Miguel e meninas da Estação Americana das Lajes.

No dia 13, depois duma visita a Angra de Heroísmo, os componentes do Jambori, a que se agregaram outros escoteiros, desfilaram pelas ruas da cidade.

Realizaram-se diversos fogos do conselho, com a participação activa das diferentes patrulhas. No último «fogo», o Chefe de Campo convidou o E. C. Moniz Silva a acender a fogueira, «na qualidade de escoteiro mais antigo em actividade na Ilha Terceira», e sem dúvida em todo o Portugal Insular.

No Sabado, dia 15, depois duma missa campal, houve uma interessante festa dirigida pelo Chefe Amorim, que convidou para o coadjuvar o velho amigo E. C. Moniz Silva, da AEP.

Antes do encerramento, foi imposta ao chefe de campo, Vítor Hugo Fragueiro, a Medalha de Mérito de 1.ª classe, com que a Junta Central do CNE o premiou, por valiosos serviços prestados àquela Associação, durante a sua estadia no Ultramar.

Por fim, a canção do Adeus, enquanto por todos os presentes era executada a típica cadeia da amizade.

*

A AEP, fez-se representar por dois contingentes:

Do Grupo n.º 52 de Angra de Heroísmo: E. C. Moniz Silva e escoteiros Valentim Araújo, Luís Manuel de Brito, João António Peres, José Alvarino de Ávila e António Garcia Bettencourt (Patrulha «Açor»).

Do Grupo n.º 80 de Ponta Delgada: Chefe de Tribo Eduardo Manuel Soares Macedo, caminheiros Francisco Manuel Simas e Joaquim do Carmo Farra, e escoteiros Mário Jorge Raposo, Fernando Manuel Simas, Floriano Ed. Macedo, António F. dos Santos e José Martinho Melo (Patrulha «Águia»).

A Patrulha do Gr. 52, apesar de composta de elementos muito novos no movimento, conseguiu uma boa participação.

Na competição da fogueira, o 52 da AEP ficou classificado em 1.º lugar (Seniores), em igualdade de pontos com a Pat. Lobo do CNE de P. Delgada.

O Grupo 80 da AEP, com bastante prática, marcou bem a sua presença, especialmente nos fogos do conselho.

Na classificação geral das patrulhas (juniores), a «Águia» do 80 da AEP ficou classificada em segundo lugar.

Quanto a classificação individual, na prova de tiro ao alvo (juniores), ficou classificado em 1.º lugar o escoteiro Mário Raposo, do Grupo 80 da AEP, que também conquistou o 1.º lugar em atletismo.

Compromisso de Honra

Na véspera da partida para o Jambori, e precedido duma «velada», realizaram o seu Compromisso de Honra, na sede do 52 da AEP, de Angra de Heroísmo, na presença do E. C. Moniz Silva e de vários elementos do Grupo, os escoteiros José Alvarino de Ávila e António Garcia Bettencourt.

Actividades do Grupo 52 da AEP — Angra do Heroísmo

Acampamento

Estiveram acampados no Monte Brasil, de 12 a 15 de Setembro, duas patrulhas sendo o campo dirigido pelo E. C. Moniz Silva.

Com tempo magnífico, os rapazes executaram com entusiasmo um variado programa de provas escotistas e campistas.

No Domingo, escoteiros assistiram à missa na histórica igreja de S. João Baptista, na fortaleza do mesmo nome. De tarde, receberam a visita de pessoas das respectivas famílias — C.

Grupo N.º 80 — Ponta Delgada

Este Grupo realizou um acampamento nos dias 19 e 20 de Setembro passado, na histórica Alameda Duque de Bragança, cedida pelo Município. Compareceu todo o efectivo do «80» e ainda as Guias de Portugal da companhia anexa. Na noite de sábado houve fogo de conselho em que os escoteiros apresentaram um brilhante programa de canções e representações, tendo assistido muitas famílias dos rapazes e simpatizantes do Movimento.

O Agrupamento n.º 52 do C. N. E. colaborou na actividade, tendo apresentado alguns números.

No domingo de manhã, a chuva não permitiu que fosse cumprido o programa previsto, mas depois do almoço o tempo melhorou e foi possível realizar a festa de campo. Compareceram muitas famílias e amigos do Grupo, que desejavam assistir à Promessa dos novos escoteiros e Guias de Portugal. Na presidência viam-se os srs. Luciano Mota Vieira, Chefe Julieta do C. N. E., e os «antigos» Rolando D. Correia e Hermes Franco.

Após o Compromisso de Honra, o antigo subchefe sr. Rolando Correia fez entrega de estrelas de antiguidade aos caminheiros Floriberto Correia de Melo, chefe-ajudante; Eduardo S. Macedo, chefe de tribo; Francisco Manuel Simas, Guia de Patrulha; e a insígnia de Caminheiro Pagem a Eduardo Manuel Barros.

O 1.º Clã fez uma interessante demonstração de transmissões por homógrafo, tendo-se ainda disputado provas de atletismo e estafetas entre as patrulhas Veado e Águia, saindo vencedora a primeira. Foram feitas demonstrações de improvisação de macas pelas mesmas patrulhas.

A festa terminou com um discurso do sr. Luciano M. Vieira, que dirigiu palavras de estímulo aos escoteiros e narrou o passado histórico da Alameda onde se encontrava montado o acampamento. Depois de levantar o campo, o Grupo desfilou através das ruas da cidade até à sua sede.

Avezinha

Uma insígnia escotista esteve na superfície lunar

«Certifico que este distintivo do escotismo mundial foi levado para a Lua quando do voo da Apolo XI, primeira alunagem do Homem, em 20 de Julho de 1969». Assinado: *Neil A. Armstrong, comandante da equipagem da Apolo XI».* É o que indica um certificado sobre o qual foi colocado o distintivo do emblema do escotismo mundial. Este certificado e a insígnia estão guardados num quadro, juntamente com uma fotografia a cores do astronauta Aldrin, tirada na superfície da Lua pelo *Eagle Scout* Armstrong. Esta peça única ocupa um lugar de honra na nova sede da Secretaria Mundial do Escotismo.

O «Distintivo Lunar» foi enviado ao secretário geral, a Laszlo Nagy, em nome dos astronautas, dos Estados Unidos e da *Boy Scouts of America* pelo lobito Michael Swenson, de 9 anos, da alcateia americana de Genebra, por ocasião da inauguração desse novo edifício.

Relembrando esta histórica viagem de perto de 800 000 kms. feita pela Insígnia Mundial, é curioso notar que ela foi levada de Genebra a Houston pelo director de relações públicas da Secretaria, Keith Kentopp, e de lá a Cabo Kennedy. Em seguida, foi enviada para a Lua, trazida de novo para a Terra e levada para Houston, donde Neil Armstrong a trouxe para Nova Iorque e a confiou ao pessoal da *Boy Scouts of America*, que, por sua vez, a remeteu para o seu quartel general de Nova Jersey para ser colocada no quadro, tendo sido devolvida à B. S. A. que a expediu para Genebra a bordo de um aparelho da Seabord Airlines. O custo total do transporte foi finalmente fixado em apenas um 1 franco suíço e meio, ou seja o preço do selo para a enviar do aeroporto de Genebra até à Secretaria Mundial!

UM CHEFE EM FOCO

João Constantino, Chefe do Grupo 8 — artífice de uma unidade escotista de actividade desbordante

Nesta altura festiva dos Escoteiros de Portugal, em que, concentrados na Costa da Caparica os grupos de escoteiros se reúnem no XI Acampamento Nacional, «Sempre Pronto» entrevista um chefe que, pelo trabalho laborioso no seu grupo e a dedicação extraordinária que consagra ao movimento, se destaca como um dos primeiros escoteiros-chefes da AEP.

O seu nome é João Constantino. O seu grupo é o n.º 8 dos Escoteiros de Portugal.

João Constantino tem vindo a desenvolver uma actividade intensa que o coloca, sem sombra de dúvida, na posição do chefe mais activo e empreendedor do nosso movimento. Todos os dias, ele atende, instrui e reúne os seus escoteiros; todas as semanas os rapazes têm actividades. Todas as horas extras do seu trabalho, João Constantino as emprega, quase exclusivamente, no trabalho escoteiro. Consegue ainda dar em casa a necessária assistência familiar e dedicar-se intensamente a um desporto muito interessante e que exige enorme vigor físico.

Sua esposa, antiga guia de Portugal, conhecedora dos problemas do movimento, ajuda-o bastante nesta maravilhosa tarefa de conduzir os jovens ao caminho são e correcto que o Escotismo lhes proporciona.

Fomos num destes dias ao 8 e dissemos ao João ao que íamos. Prontamente atendidos, embora com diversas interrupções, porque a actividade numa reunião deste grupo é algo que não permite distrair o chefe mais que 10 ou 15 segundos. Lançámos a primeira pergunta:

— Há quanto tempo estás no movimento e quantos anos tens de chefia de grupo?

— Já lá vão 17 anos desde que fiz a minha promessa... Como chefe, dirijo o grupo — consulta rápida à ficha do cargo — há 4 anos.

Disparámos novamente:

— Qual o segredo que tens para que o teu grupo seja sempre tão activo e numeroso?

Constantino sorriu e exclamou:

— Segredo? não há qualquer segredo... são os próprios escoteiros que vão trazendo outros. É a vida activa do grupo que provoca este entusiasmo.

— Qual o actual efectivo do grupo?

— Ora deixa-me pensar, — retorquiu Constantino — bom, o melhor é contares tu...

Levantando-se rápido, trouxe-nos de seguida o recenseamento de Julho. Contámos 73 escoteiros.

— São esses e alguns aspirantes que ainda não estão aí incluídos. Claro que esses rapazes não pertencem exclusivamente aqui à sede. Muitos deles estão divididos pelas secções do grupo.

Feita uma pausa, e como «aquilo» das secções era assunto que queríamos pegar, perguntámos:

— Quantas secções tem o 8 e quem são as pessoas que as orientam?

— Actualmente temos três secções. Uma na Trafaria, orientada pelo sr. David Banon, outra na Ameixoeira, dirigida pelo sr. Leonel Cardoso, ambos escoteiros criados aqui na sede, e finalmente outra na Damaia que eu próprio dirijo.

— Diz-me, Constantino, és tu que traças todo o programa das secções ou elas vivem de modo próprio?

Foi rápida a resposta:

— Vivem pelos próprios meios. Compram material, têm verbas próprias, têm comissões de patrocínio. Foi a comissão de patrocínio da Trafaria, por exemplo, que arranjou a sede nos bombeiros locais, que é esplêndida. De uma maneira geral estou a par de todas as actividades e fazemos frequentes exercícios de conjunto.

Pusemos outra pergunta:

— A quantos grupos de escoteiros este deu origem?

— Deu origem ao grupo 27, na Azambuja, que foi nossa secção. No Cacém está prestes a formar-se um novo grupo, que começou também como nossa secção, muito embora trabalhe há algum tempo independentemente.

A facilidade com que o grupo 8 forma secções levou-nos a perguntar ao chefe Constantino por que motivo as pessoas iam ter com ele para formar grupos de escoteiros nas localidades onde vivem.

— Julgo que a razão é esta: os escoteiros deste grupo, quando vão para qualquer lado, são entusiastas e suscitam o interesse das pessoas com quem contactam. Desta forma, surgem pedidos de formação de secções na Charneca do Lumiar, Fanhões, Barreiro e até da Moita vieram cá umas pessoas para que conseguíssemos qualquer coisa. Se as secções não se formaram ainda foi por falta de pessoas capazes de tomarem a direcção delas.

Deixámos o chefe João atender alguns escoteiros e depois concluímos o assunto sobre secções, perguntando:

— Nota-se, portanto, que há interesse, da parte das pessoas, pelo movimento.

— Não há dúvida — afirmou-nos — só tenho encontrado pessoas dispostas a colaborar. Na Azambuja, por exemplo, a sr.ª directora do Liceu local tem-nos dado todo o apoio e prontifica-se a falar com as personalidades destacadas daquela terra, a fim de proporcionarem ao Grupo 27 a melhor situação possível. Na Ameixoeira, um grupo de familiares colabora assìduamente no sentido de obter fundos para a secção.

— Verifica-se que há maior interesse pelo escotismo nos locais dos arredores de Lisboa.

— Não sei por quê, mas isso é verdade. Nos meus contactos, tenho visto entusiasmo e pessoas interessadas.

Com a afirmação assim feita, propusemos outra questão:

— Porque é que os grupos em Lisboa não se desenvolvem com essa facilidade, tendo alguns deles até entrado num estado de pobreza e decadência?

— Um grupo em actividade necessita que os chefes lhes sejam dedicados e apareçam nas sedes muitas vezes. Aqui no grupo, na sede, nota-se às vezes que alguns escoteiros faltam. Acontece isso quando a actividade não os prende. Se a coisa é boa, não há TV que os retenha ou baile que lhes interesse...



O Chefe João Constantino

— Se um grupo consegue dar origem a várias secções e grupos, por que é que os Serviços Centrais não intensificam, com uma propaganda apropriada, a formação de novos grupos?

João Constantino quase não quis responder. Isto de opinar sobre os Serviços Centrais é quase tabu, mas decidiu-se:

— Julgo que a melhor propaganda seria uma actividade conjunta, variada e específica, mas verifico que nos Serviços Centrais não dispõem de dirigentes com possibilidades de produzir actividades deste género. Sem isto, nada feito. Nos locais onde se vislumbra a probabilidade de haver um grupo, seria necessária uma demonstração do movimento. Não podemos esperar que os pedidos nos venham parar a casa sem termos mostrado o produto. Também seriam precisas pessoas competentes para canalizar e desenvolver os contactos obtidos. Um exemplo me surge: de Sesimbra, recebi, por três ou quatro vezes, correspondência a pedir-me que formasse ali uma secção. Não pude dar andamento a essa demonstração de interesse por não ter encontrado um elemento em condições para dirigir a secção. Seria indispensável falar com alguém de prestígio que habitasse naquela vila. Foi o CNE que aproveitou a nossa propaganda e ali fundou o grupo de que a terra necessitava.

— Quais as actividades que actualmente se desenvolvem no grupo?

— Além das especificamente escoteiras, comuns a todos os grupos, temos rapazes que se dedicam ainda a fotografia, pelo que já possuímos uma câmara escura para trabalhar. Um grupo de caminheiros especializou-se, com grande interesse, pela geologia. A exposição que há uns meses levámos a efeito foi organizada por eles. Outro grupo de rapazes entrega-se de alma e coração ao teatro. E estou convencido

Continua na pág. 14



O VI Festival de Natação do Núcleo «A» de Lisboa

Conforme já noticiámos, realizou-se no passado mês de Julho o VI Festival de Natação do Núcleo B de Lisboa, na piscina do Clube Sportivo de Pedrouços.

«Sempre Pronto», através dum dos seus redactores, assistiu a este festival que, sendo dedicado apenas aos principiantes na natação, teve, no entanto, um brilho excepcional.

Com efeito, uma boa centena de rapazes, participaram no festival.

O dia magnífico, cheio de luz e de sol, veio ajudar o ambiente que estas provas requerem, dando boa disposição aos nadadores.

Também a assistência foi bastante numerosa, o que contribuiu para dar muita vibração às provas.

A mesa de Júri era composta pelo Chefe do Núcleo João Madeira Leitão, e o grande nadador e antigo escoteiro Luís Alves Miguel e os Chefes Luís Matos e António Santos.

Coordenaram as provas os srs. António Santos e Raul Santos, da Federação Portuguesa de Natação.

Pelas 10,30 horas da manhã, deu-se início às provas. Em primeiro lugar, nadaram os lobitos a prova de 25 metros livres. Foi pena aparecerem apenas dois rapazes, mas, de qualquer maneira, a prova fez-se para eles ficarem satisfeitos.

No que respeita a escoteiros, foram estes divididos por idades e, assim, tudo correu como deve ser:

Na classificação que abaixo inserimos damos conhecimento das provas realizadas e dos nomes dos três primeiros classificados.

Estiveram presentes elementos dos grupos n.os 2, 5, 7, 14, 16, 19, 21, 79, 85 e 94, num total de 104 rapazes, sendo o maior contingente o do Grupo n.º 2.

O chefe-geral adjunto Eng.º Nobre Santos, também esteve presente e assistiu a grande número das provas.

Com as provas terminadas cerca da uma hora da tarde, deu-se início, no Salão Nobre do Clube Sportivo de Pedrouços, à sessão de entrega de medalhas e troféus conquistados pelos escoteiros no V Festival de Natação, também realizado na piscina daquele prestigioso Clube.

Depois de breves palavras de agradecimento pelo chefe do Núcleo A, e da entrega das medalhas aos concorrentes vencedores das provas do ano passado, o sr. Presidente da Direcção do Clube Sportivo de Pedrouços encerrou a sessão com palavras de incitamento, afirmando que era com muita alegria que via a organização destes festivais e que era muito necessário que «muitos mais se realizassem». Por parte do Pedrouços, continuou, as portas estavam sempre abertas aos Escoteiros de Portugal.

Um «*Para mim é um bom companheiro*» foi o agradecimento dos escoteiros àquelas simpáticas palavras, a quem os Escoteiros de Portugal devem a oportunidade da realização dos festivais de natação.

O VI Festival do Núcleo A foi bem organizado e decorreu dentro do bom espírito escoteiro. «Sempre Pronto» faz votos de que, para o ano que vem, mais grupos possam participar no VII Festival que, com certeza, se realizará.

Classificações

Provas para lobitos

25 metros livres — 1.º, João António Barreiros, 00,?00 s., G. 2; 2.º, João Paulo Farinha, 00,?00 s., G. 2.

25 metros bruços — 1.º, José Pedro Cabral, 38,02 s., G. 2; 2.º, Fausto Pacheco Figueiredo, 38,03 s., G. 5.

25 metros «crawl» — 1.º, Pedro Paulo Nobre, 28,03 s., G. 2; 2.º, Filipe Nogueira, 28,07 s., G. 2; 3.º, Luís Marques Baptista, 29,04 s., G. 14.

Provas para escoteiros juniores

50 metros livres — 1.º, António Maria de Matos, 51,00 s., G. 14; 2.º, Américo Pedro Neves, 1',00 m., G. 2; 3.º, Orlando Santos Gomes, 1',17 m., G. 2.

50 metros «crawl» — 1.º, Fernando Jorge, 34,05 s., G. 2; 2.º, Carlos Jorge Matos, 39,00 s., G. 14; 3.º, Fernando Manuel F. Rodrigues, 42,00 s., G. 14.

50 metros bruços — 1.º, Jorge Manuel M. Santos, 49,08 s., G. 94; 2.º, José Manuel S. Bento Marques, 57,00 s., G. 94; 3.º, Francisco Joaquim Granjo, 1',03 m., G. 2.

50 metros costas — 1.º, Fernando Jorge, 45,00 s., G. 2; 2.º, Alfredo António Grandim, 64,2 m., G. 7; 3.º, Mário Manuel C. Dias, 1',00 m., G. 16.

50 metros mariposa — 1.º, Carlos Jorge Mata, 45,02 s., G. 14; 2.º, Fernando Jorge Guimarães, 45,08 s., G. 14; 3.º, Fernando Manuel F. Rodrigues, 46,00 s., G. 14.

Provas para escoteiros seniores

50 metros livres — 1.º, Joaquim Augusto Santos, 54,00 s., G. 2; 2.º, António Henrique Almeida, 1',15 m., G. 85; 3.º, Francisco Xavier, 1',25 m., G. 2.

50 metros «crawl» — 1.º, João Vieira, 36,09 s., G. 14; 2.º, Carlos Monteiro Esteves, 37,06 s., G. 7; 3.º, Luís Daniel, 50,03 s., G. 7.

50 metros bruços — 1.º, Carlos Monteiro Esteves, 48,00 s., G. 7; 2.º, Jorge Vilar Rodrigues, 1'00,4 m., G. 14; 3.º, António Manuel Ribeiro, 1'30,8 m., G. 85.

50 metros costas — 1.º, Raul Pires Pedro, 61,8 m. G. 85.

Provas para caminheiros

50 metros livres — 1.º, Vítor José Azevedo, 1'00 m., G. 2.

50 metros «crawl» — 1.º, Rui Manuel Simões, 40,00 s., G. 7; 2.º, Mário João Macedo Oliveira, 42,00 s., G. 7; 3.º, Eduardo Silva Ramos, 44,00 s., G. 14.

50 metros bruços — 1.º, Rui Simas, 50,05 s., G. 7; 2.º, Francisco José M. Carmo, 52,08 s., G. 5; 3.º, João Manuel Fausto, 54,00 s., G. 14.

Provas para dirigentes

25 metros livres — 1.º, Agostinho Abel M. Fernandes, 17,01 s., G. 5; 2.º, António Maria Franco Ribeiro, 25,05 s., G. 85.

Prova de saltos

1.º, Carlos José Mata, Mortal e meio, G. 14; 2.º, Rui Manuel Simões, Pino, G. 7; 3.º, Fernando Silva Lopes, Carpa, G. 2; 4.º, João Vieira, Carpa, G. 14.

Estafeta de 5 × 25 metros livres

1.º Grupo	14	1'28 m.
2.º Grupo	7	1'40 m.
3.º Grupo	5	1'57 m.
4.º Grupo	2	2'12,5 m.

Pontuação atribuída aos Grupos por classificações de provas:

(1.º lugar, 30 pontos; 2.º lugar, 20 pontos; 3.º lugar, 10 pontos).

1.º	Grupo 2	290
2.º	Grupo 14	280
3.º	Grupo 7	200
4.º	Grupo 5	80
5.º	Grupo 85	50
5.º	Grupo 94	50
6.º	Grupo 19	30
7.º	Grupo 16	10
8.º	Grupo 79	00

O 57.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal foi comemorado no Parque da Caparica pelo Grupo N.º 79

Em 6 de Setembro passado, o Grupo n.º 79, com sede nas Necessidades, esteve acampado no Parque de Escotismo da Caparica, onde comemorou o 57.º aniversário da A. E. P., que nesse dia passava. A efeméride foi lembrada com palavras proferidas pelos Dirigentes.

Encontrava-se presente o Chefe Mário Fernandes, que nesse dia comemorava também o seu aniversário, pelo que os Escoteiros o saudaram com o coro *parabéns a você*.

GRUPO N.º 8

A Equipa de Geologia-Espeleologia promoveu uma exploração na região de D. Maria, Caneças, na tentativa de encontrar umas grutas que dizem ali existir e que não foi possível encontrar. Foram visitadas umas minas, onde se encontraram interessantes exemplares de reptis.

Além dos membros da Equipa, caminheiros José E. Caetano, Jorge Alves e Salvador Teixeira, participaram como convidados o cami. nheiro E. Casaca e o escoteiro Mascarenhas — C.

Os Fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal

Continuação da pág. 8

E que mais? Os queridos companheiros Ernesto de Sousa, Dinis Curson, Humberto Martins, Albano da Silva, Cosme Leitão, os Clímacos, muito mais poderão acrescentar e até corrigir, se necessário.

Como tenho editor interessado nas ninhas memórias muito agradeceria que o fizessem.

Uma vida vale pela verdade, e por ela se comunica.

Eduardo Moreira

CONSELHOS AOS MAIS NOVOS

PRATICANTE DE ESCRITÓRIO

Muitos rapazes, quando chega o momento de obter colocação, enveredam pela profissão de empregado de escritório, sem que muitas vezes tenha obedecido a motivos válidos a escolha feita. Julga-se que o empregado de escritório é razoàvelmente remunerado, o que cada vez é menos verdade, e que se trata de um modo de vida fácil, o que é completamente errado.

A legislação oficial exige presentemente para o ingresso na profissão o primeiro ciclo do curso secundário (preparatório). É preciso que se saiba que se não trata de mera exigência burocrática. De facto, o exercício da profissão exige um mínimo de habilitações.

1.º CONSELHO

Portanto, o nosso primeiro conselho àqueles que ingressam no quadro do pessoal de escritório de uma empresa comercial ou industrial é *que se dediquem ao estudo.* Convém que se matriculem num curso comercial nocturno (se ainda o não têm). Os Sindicatos mantêm cursos de aperfeiçoamento profissional muito eficientes e úteis. Têm a desvantagem, em face dos cursos oficiais, de não darem qualquer equiparação oficial.

O estudo é indispensável para que o praticante de escritório saiba não só executar as tarefas que lhe são confiadas, mas, sobretudo, conheça a razão por que o serviço deve ser feito de determinada maneira e o fim que se procura atingir com o mesmo. Só desta forma se poderá ser eficiente.

2.º CONSELHO

O praticante deve ser essencialmente um OBSERVADOR. Deve estar atento ao desenvolvimento do serviço, procurando conhecer as suas particularidades, os nomes próprios de cada documento e ser capaz de os identificar. São importantes: guias de remessa, facturas, avisos de lançamento, notas de crédito, notas de débito, letras, livranças, cheques, senhas de caminho de ferro, notas de expedição, conhecimentos de embarque, etc., etc. O praticante deve esforçar-se por tomar conhecimento destes documentos até saber qual a sua função, as diferentes formas como são ou podem ser escriturados e o valor que têm para a contabilidade.

3.º CONSELHO

O praticante deve ser arrumado, metódico e limpo.

Arrumado, sabendo que cada coisa tem o seu lugar.

Metódico, desempenhando as suas tarefas com ordem, por processos eficientes, segundo normas de trabalho, ouvindo os conselhos dos mais experientes, para evitar erros, omissões, falhas. À medida que avance nos conhecimentos poderá ele próprio adoptar métodos próprios de trabalho.

Deve ser limpo na sua apresentação e no seu trabalho. Evitar rasuras, emendas, borrões, dedadas, nódoas nos livros ou documentos. Dissemos evitar rasuras e emendas, mas nem sempre isso é possível. Neste caso, porém, ainda é necessário que sejam feitas com asseio.

4.º CONSELHO

O trabalho de escritório é trabalho de equipa. Desde o mais alto lugar ao praticante mais humilde todos trabalham em conjunto para um objectivo comum: a administração da empresa. Cada empregado, portanto, deve saber colaborar, cooperar, ou seja operar em comum. Para isso deve ter a preocupação de facilitar os serviços a todos os sectores e colegas; desempenhar as suas tarefas pontualmente e de forma a não entravar o serviço dos outros, estar sempre pronto a informar, esclarecer, ajudar.

Quem trabalha num escritório deve ter consciência de que em nenhum outro local vive tantas horas acordado e que, portanto, deve procurar viver aí com boa disposição. Para que essa boa disposição exista é indispensável aquele espírito de equipa; lealdade; camaradagem. O chefe da equipa será sempre o primeiro camarada para que inspire iguais sentimentos a todos os seus companheiros e subordinados e para que possa fazer escola para os praticantes que iniciam a carreira.

DE LUANDA — ANGOLA

GRUPO N.º 36 — Diogo Cão

Continua florescente esta unidade dos Escoteiros de Portugal que em 11 de Outubro corrente admitiu seis novos aspirantes. Entretanto, por motivos imperiosos, afastaram-se do Grupo o dirigente sr. Fernando Jorge Ribeiro e o Escoteiro Mário S. Nunes Morna, de quem os escoteiros se despediram com saudade.

VISITA DE ESTUDO

Em Julho passado, os Escoteiros visitaram o Observatório Astronómico e de Rastreamento de Naves Espaciais, propriedade do sr. Bettencourt Faria, que despertou o maior interesse aos 25 visitantes.

VISITA AO GRUPO 39 DE BENGUELA

Vinte escoteiros deste Grupo efectuaram no dia 15 de Agosto uma visita ao Grupo 39 de Benguela, graças à gentileza de pais de Escoteiros que puseram as suas viaturas à disposição do Grupo. Esta visita foi muito interessante e serviu para reforçar os laços de amizade e camaradagem escoteira entre os membros dos dois grupos.

DIVERSAS ACTIVIDADES

No dia 27 de Setembro, os escoteiros fizeram um jogo na cidade, tendo seguido uma pista ali traçada, que despertou muito entusiasmo.

Nos dias 4 e 5 de Outubro, efectuou-se um concurso de cantos de patrulha, que foi ganho pela «Castor» — C.

UM CHEFE EM FOCO

Continuação da pág. 12

de que, no futuro, mais algumas coisas surgirão.

Sabendo da grande paixão que o chefe João Constantino tem pelo desporto, mudámos de rumo à nossa conversa:

— Apesar de teres uma intensa vida profissional e escoteira, ainda te dedicas, com muito interesse, a um desporto...

— Sim — atalhou Constantino. — Jogo o pau no Ginásio Clube Português. Foi o campeão Armando Sacadura que me iniciou neste desporto e é de opinião de que todos os escoteiros deviam praticá-lo com frequência...

— Portanto, achas que o desporto deve ser incrementado no escotismo?

— Exactamente — concordou o nosso interlocutor — mas apenas como complemento das actividades escoteiras, que em si já são de extraordinário valor para o desenvolvimento físico. No Inverno, — continuou — em que as actividades do campo rareiam, precisávamos de ter locais onde os rapazes pudessem continuar a vida activa do tempo seco. Ginásios centrais, onde se pudessem reunir todos os grupos, seria coisa óptima.

— Mas no centro, já temos o recinto de jogos da Caparica — atalhámos.

Constantino sorriu:

— Além de ficar fora de mão, de Inverno é completamente inutilizável. Os Serviços Centrais poderiam arranjar locais para os rapazes e sei que alguns podem ser cedidos, é só questão de pedir.

A nossa entrevista estava quase finalizada, mas quisemos saber quais os desportos que, no entender do chefe João Constantino, os escoteiros poderiam praticar.

— Aqueles que podem praticar-se em qualquer altura e nos acampamentos, em recintos improvisados: jogo do pau, excelente para o treino de reflexos rápidos, tiro ao arco, dominador dos nervos e da visão, atletismo, excelente para o exercício de todos os músculos, natação, também com grande poder de desenvolvimento, futebol, voleibol, como animadores de equipas.

Assim acabou a nossa entrevista com o chefe João Constantino, um homem dedicado que, com o peito livre de quaisquer honras ou recompensas, trabalha sem outro interesse que não seja o do desenvolvimento do escotismo e do rapaz.

A. I.

Edmundo Santos Matos

Depois de uma ausência de 20 anos, por se ter fixado na cidade de Lourenço Marques, tivemos o prazer de abraçar em Lisboa o nosso estimado amigo e assinante sr. Edmundo Matos, antigo escoteiro do Grupo n.º 1 e dirigente do grupo que teve a sua sede em Torres Novas, «antigo» que continua fiel e entusiasta dos ideais escoteiros.

Agradecemos a visita que teve a amabilidade de nos fazer e esperamos que tenha possibilidades de se radicar novamente entre nós.

O Jogo do Pau

O que se sabe acerca desta luta típica portuguesa

A ocupação da Península Ibérica pelas forças romanas foi dificultada por um grupo de heróis que, escondidos nos Montes Hermínios, lhes opuseram grande resistência. Esse grupo de lusitanos mais não tinha para se defender que paus e pedras em abundância. Disto se conclui que, já nessa altura, se fazia a luta com pau.

Com o decorrer do tempo, a técnica foi melhorando, sendo hoje considerada uma esgrima tipicamente nacional. No início, era tomada como jogo de arruaceiros e campónios. Porém, com o tempo e os aperfeiçoamentos introduzidos, foi possível interessar outras camadas sociais, chegando a entrar no Palácio Real, pois, como se sabe, o rei D. Carlos foi um dos seus praticantes. Ramalho Ortigão e Ressano Garcia foram igualmente amadores desta forma de luta.

Entretanto, apareceram mestres que estudaram esta esgrima, criando pancadas e defesas mais eficientes. A pouco e pouco, a arte de dar pauladas espalhava-se por todo o país.

A Lisboa de 1900 era diferente da de hoje. Esta luta era aqui praticada e ensinada por mestres vindos do Norte, sendo as lições bem pagas. Apesar disso, havia gente que andava quilómetros para as receber.

As rivalidades entre quintais dos arrebaldes lisboetas, onde era praticada, tornou-se notória, pois cada um procurava superiorizar-se aos outros. O bom nome de cada mestre e, portanto, de cada escola, era reconhecido, pois tratava-se de um cargo que só era confiado aos jogadores mais peritos e experientes.

Em 1898, o Ginásio Clube Português iniciou o ensino em ginásios. Seguiu-se o Ateneu Comercial de Lisboa e, mais tarde, o Lisboa Ginásio Clube. Todavia, esta agremiação por pouco tempo o protegeu. Presentemente, deve-se aos dois primeiros clubes o não ter morrido esta modalidade portuguesa em Lisboa e, com ela, a técnica mais avançada, que pertenceu a mestre Frederico Hopffer, o qual nos legou um livro técnico sobre a modalidade, infelizmente esgotado. Nessa obra, fruto de intensos estudos, consegue o autor transmitir-nos ensinamentos que colhera de seu mestre, Domingos Salreu — criador dos meios saídos e meios entrados, ou sejam pancadas rápidas e violentas — além doutras. Esta inovação obriga os jogadores a tomarem maior precaução e a terem a vista habituada a pequenas distâncias, entre a ponta do pau do adversário e o seu próprio corpo.

Os portugueses têm três escolas desta esgrima: a do Norte, em que as pancadas são desferidas com as duas mãos, não se ligando importância à maneira de pisar o terreno; a da Moita do Ribatejo, onde mestre Silvino Melro, que tem uma escola de mais de 40 jogadores, não inclui no seu ensino uma posição definida dos pés; e a de Alhos Vedros, onde José Ribeiro Chula mantém um aperfeiçoamento digno de louvor, mas não tem, como gostaríamos de ver, uma escola como a da Moita.

Em Lisboa, onde há grandes possibilidades de aprender por existirem ginásios e outras regalias, os praticantes não passam de uma dezena por clube.

Nesses três estilos, houve alguns jogadores que se distinguiram, atingindo elevada categoria. Ainda hoje é recordado o nome de Júlio Hopffer, dotado de uma moral sã, modesto, gentil para com o adversário, possuidor de uma técnica que o tornou o melhor de todos.

O jogo do pau é um jogo viril, mas os seus praticantes não são desordeiros. Quebrou barreiras e hoje está ao alcance de todos os que queiram tirar proveito desta prática, pela diversidade de movimentos a que obriga. Desenvolve os reflexos, a rapidez, o fôlego e a visão. A mobilidade que dá permite conservar a frescura física com o avançar dos anos. Basta lembrar que muitos dos praticantes actuais, já longe da juventude, continuam ágeis como se contassem menos trinta anos de idade: por exemplo, Domingos Miguel, grande praticante, apesar dos seus 72 anos; António Caçador, 65 anos; Manuel Tabuada, 59 anos; Pedro Ferreira, 54 anos; Elias Gameiro, 50 anos; Silvino Melro, Ribeiro Chula e outros. Diga-se que não é fácil defrontar qualquer destes jogadores desde que não seja um praticante conhecedor.

No jogo do pau não pode haver competição, quer pela violência, quer pelo perigo que correria o jogador mais fraco, visto ser jogado sem qualquer precaução, porque assim se evita que, devido a armaduras protectoras, a técnica ficasse diminuída, por a luta se tornar mais lenta e perder a pureza e honestidade.

Os estrangeiros têm reconhecido o valor desta esgrima e já vieram até nós estudar a técnica, como aconteceu com os japoneses, brasileiros e americanos.

Seria muito útil que esta forma de luta, genuinamente portuguesa, fosse amparada e o seu ensino generalizado. Especialmente entre os escoteiros poderia a sua prática ser incentivada, porque se trata de um desporto do ar livre.

Os jogadores do Ginásio Clube Português estão sempre prontos a exibir-se gratuitamente em festas de beneficência, como meio de propaganda desta luta.

Armando Sacadura

O Grupo n.º 23, de Queluz, no Acampamento Nacional

No dia do encerramento do XIACNAC, o grupo n.º 23 reuniu no seu campo familiares dos seus escoteiros, dirigentes escotistas e directores de «Sempre Pronto», convidados para assistirem à cerimónia do compromisso de seis novos escoteiros.

O Chefe do núcleo do Porto, sr. Vidal Vieira dos Santos, dirigiu uma alocução aos aspirantes, fazendo-lhes sentir a responsabilidade do compromisso que iam assumir e o significado de ingressar na grande família escoteira. O Presidente da Direcção do Grupo, sr. Capitão António Gomes Rocha, também dirigiu sentidas palavras aos novos escoteiros, tendo o Director do «Sempre Pronto» apresentado em rápidas palavras os votos de *boa caça*.

O Chefe do Grupo, sr. Justino Estêvão da Silva, tomou então o compromisso de honra aos aspirantes José Pedrosa Fernandes Luís, Augusto Garcia, Mário José, Fernando Carlos Lais, João Valente Ferreira e Armando José dos Santos Mendes, entusiàsticamente saudados pelos seus camaradas.

PÁGINA DO LOBITO

O uniforme do Tó

Olá, amigo! Com certeza que ainda não me conheces, pois eu sou Akelá e meu nome é *Javali Cinzento*. Estou pronto a falar-te de tudo quanto me for possível sobre Lobitismo.

Vem hoje comigo, um irmão teu, chamado Tó.

Tó é um lobito ainda novo, mas já tem demonstrado muito boas qualidades de rapaz. Anda sempre aprumado e o seu UNIFORME é uma coisa que a todos nos apraz observar.

Desde os calções engomados, camisola lavada e muito bem feita, lenço bem dobrado e posto com muito orgulho, as meias impecáveis e bem calçadas onde se pode ver as lindas jarreteiras amarelas, até ao quico (boné) que lhe fica muito bem, tudo é um primor de asseio.

Mas, com certeza, não é só o Tó que assim procede, também tu deves vestir o uniforme como o Tó.

Pois é no uniforme que começas a demonstrar o que vales, como lobito que és, um lobito asseado, aprumado e com orgulho de pertencer à grande família escotista que é a Alcateia.

Jamais chamarei lobito àquele rapaz que não tenha asseio, que não tenha aprumo. Pois como a terceira Máxima da SELVA nos diz:

«O LOBITO ESTÁ SEMPRE ASSEADO»

assim devem os lobitos cumprir.

Aqui fica o meu desejo que também tu sigas o exemplo do pequeno Tó em tamanho, mas grande Tó em asseio e aprumo.

O teu amigo,

Javali Cinzento

NOVOS ASSINANTES

Continuamos a registar a entrada de novos assinantes, e apresentamos as boas-vindas e agradecimentos aos nossas estimados Amigos senhores:

Eduardo Casaca, Zacarias Ventura e Salvador Fernandes Teixeira, de Lisboa; José Duarte da Silva, do Porto; António Manuel Bispo, de Lourenço Marques; D. Maria Cristina Ribeiro Pires, de Benguela, e Amadeu João C. Neves, de Moura.

Pagamento de assinaturas

Alguns dos nossos estimados assinantes têm feito o favor de nos enviar a importância de suas assinaturas, dando assim uma útil ajuda aos nossos serviços de Administração. Apresentamos os nossos agradecimentos aos senhores:

Vítor Manuel Sousa Ferreira, Rui da Silva Paulo, Paulo Maurício (três anos), de Lisboa; Álvaro Gonçalves Amado, de S. João da Madeira; Daniel Correia (2 anos), de Londres; José Fernando Martins, de Olhão; José Valentim Raposo, do Lobito; José M. C. Monteiro, de Viana do Castelo; Arnaldo Eduardo Couto, (3 anos), Pat. D. Afonso Henriques, do G. 91, de Gaia (2 anos); Rui Fernando Soares, de Queluz, Alberto Fernando Pereira, de Gaia; António Manuel Bispo, de Lourenço Marques; João H. Pereira Soares e Grupo n.º 93, de Sintra (3 anos).

O XIII JAMBORI NO AR

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Quando este número tiver saído já se terá realizado certamente o XIII JOTA, embora em data recente, motivo por que não nos será possível dar qualquer impressão, ainda que ligeira, da forma como decorreu.

Porém, segundo nos confiou o organizador nacional, o nosso amigo e dedicado dirigente escotista sr. Justino Estêvão da Silva, tudo se conjuga para que o XIII JOTA não desmereça, pelo menos, dos realizados nos últimos anos.

Estamos convencidos de que a preparação cuidadosa que esta actividade tem tido e o sopro renovador de que o nosso movimento começa a dar mostras vão garantir o êxito desta iniciativa entre nós, a não ser que algum contratempo imponderável, a que as comunicações por rádio estão sempre sujeitas, não tenha permitido o êxito a que o cuidado posto nesta iniciativa pela organização nacional e o entusiasmo dos escoteiros têm jus.

Contamos poder dar a conhecer aos nossos leitores, já no próximo número, as primeiras notícias desta grande realização à escala mundial.

DE MÊS PARA MÊS

SISTEMA DE PATRULHAS



Encerrou-se há dias o Acampamento Nacional, em que entusiàsticamente participaram muitos Escoteiros, e mais uma vez tivemos oportunidade de verificar que alguns grupos insistem em ignorar o sistema de patrulhas. Terminada a actividade, os Dirigentes queixam-se então do excesso de trabalho que suportaram e da fadiga que os atingiu.

Quem já teve o feliz ensejo de participar num grande Jambori Mundial pôde observar como o sistema de patrulhas permite fazer funcionar um acampamento de muitos milhares de rapazes, deixando a estes a educativa tarefa de se bastarem a si próprios.

É tempo dos Chefes se convencerem de que só com a aplicação do Sistema de Patrulhas poderão ver florescer os seus Grupos e que sem o adoptarem integralmente nunca farão Escotismo. Já alguém autorizado disse que o sistema de patrulhas não é uma maneira de fazer Escotismo, mas a única maneira de o fazer.

200 JOGOS PARA ESCOTEIROS E LOBITOS

reunidos por E. Guillen, comissário nacional adjunto da Federação dos Escoteiros de França

Quadro das matérias

Capítulo I — Na sede
« II — Na cidade
« III — No campo, no terreno dos jogos
« IV — Jogos de orientação e de leitura de cartas
« V — « de pista e de observação
« VI — « de aproximar e esconder
« VII — « de noite
« VIII — « de Inverno
« XI — « de socorrismo
« X — Grandes jogos
Apêndice — Conselhos sobre os jogos
Quadro dos jogos por capítulos.

INTRODUÇAO

É a vós todos, chefes, meus irmãos, que trabalhais para criar uma geração forte e alegre, que dedico este trabalho, desejando que ele vos possa ajudar.

O meu pensamento vai de um modo especial para os escoteiros de Dijon, Laknal e de Les Roches, com os quais conclui os meus ensaios.

Aos chefes:

Vejo-vos aqui, frente a um grupo de rapazes confiantes, porque eles crêem que vós sois fortes e sabem que sois competentes. Quereis ajudá-los a fazerem-se homens em toda a acepção da palavra, moral e fisicamente, a seguir o caminho da vida?

Como elaborar o vosso programa e melhorá-lo?

Eles aí estão, com os seus defeitos, turbulência e desordem, mas também com o ardor, a necessidade de se tornarem nos heróis que os entusiasmam, que satisfaça o gosto de aventuras que lhes fermenta no íntimo.

O escotismo oferece-vos um método de trabalho sem par; uma actividade alegre, apaixonante, num quadro de jovem cavalaria, de vida ao ar livre. Responde maravilhosamente ao apelo do rapaz. Mas... isso são palavras e os rapazes esperam acção. Como organizar uma reunião em em que os rapazes vivam realmente a vida de escoteiro.

É para vos ajudar a responder a esta pergunta, para facilitar o plano do vosso trabalho que escrevi estas linhas. Não é com grandes discursos que os entusiasmareis. Raramente apreciam sermões. O nosso método apoia-se na acção. Quereis aprender a utilidade dos nós? Preparai um jogo que transforme os rapazes em hábeis escaladores à conquista do monte Evereste. Com as espias utilizareis o nó de cadeira para as passagens difíceis.

Quereis insistir na prática do socorrismo? Improvisai um acidente simbólico. Quereis ensinar o morse? Em lugar de um livro, preparai um jogo, cujas regras sejam apropriadas. Nas saídas, elaborai um programa que ocupe satisfatòriamente todo o tempo, inventai jogos em que eles se habituem a cumprir uma missão, fazei-vos animadores, inventando sempre novas aventuras.

Educar na alegria e manter constante interesse, eis o alvo do chefe escoteiro que se preza. Sem dúvida que isto parece difícil e exige muita imaginação. Foi para facilitar o vosso trabalho que escolhi este caminho e reuni e classifiquei estes jogos.

E. GUILLEN

(Continua)

DE MÊS PARA MÊS

NOVO ANO ESCOTEIRO



Com o primeiro dia de Outubro entrou um novo ano escoteiro. Terminou a época de Verão, mais propícia aos acampamentos, e iniciamos um período especialmente indicado para os grandes jogos do ar livre, excursões, exercícios, em que podem ser largamente aplicadas as técnicas de campo laboriosamente estudadas nas reuniões de sede e treinadas nos acampamentos.

Não deixemos cair na rotina a actividade escoteira. Procuremos criar novas oportunidades de acção aproveitando os belos dias do Outono para revigorar o organismo em contacto com a natureza.

Sugeríamos o ano passado que tivéssemos de facto um novo ano escoteiro. Devemos reconhecer que os doze meses que passaram, embora não tivessem sido de extraordinária actividade escoteira, foram no entanto assinalados por interessante progresso na vida escoteira. Aproveitemos essa vantagem para incrementar mais ainda a actividade dos Escoteiros de Portugal.

Neste novo ano escoteiro que cada um de nós procure ir ainda mais além.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número duplo avulso: 5$00 — Assinatura anual: 30$00